

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO

CAMILA RODRIGUES DE LIMA ANSELMO

TRÊS PODCASTS FEMINISTAS: A POTÊNCIA DA ESCUTA POLÍTICA PARA A
ANTROPOLOGIA

Brasília

2024

CAMILA RODRIGUES DE LIMA ANSELMO

**TRÊS PODCASTS FEMINISTAS: A POTÊNCIA DA ESCUTA POLÍTICA PARA
ANTROPOLOGIA**

Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília como um dos requisitos para a obtenção de grau de Bacharel em Ciências Sociais, com habilitação em Antropologia.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Soraya Resende Fleischer DAN/UnB (orientadora)

Prof. Dr. Elton Pinheiro FAC/UnB

Doutoranda Aline Hack Moreira PPGMPA/USP

Brasília

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Josinete e Edson, por me proporcionarem tantas coisas boas e estarem do meu lado em todos os momentos. Obrigada por acreditarem tanto em mim e apoiarem as minhas escolhas.

Ao meu avô, Severino, por sempre me dar tanto carinho mesmo estando longe.

À minha orientadora e professora Soraya, por ter proporcionado as melhores aulas que tive na graduação. Pela paciência e por ter me ensinado tanto durante esse período de orientação.

Agradeço aos meus colegas de orientação, Amanda Bartolomeu, Ana Paulo Jacob, Beatriz Azucena, Caroline Franklin, Clarissa Cavalcanti, Giovanna Fechina, Isadora Valle, João Paulo Siqueira, Laura Coutinho, Mariana Petruceli, Rafael de Mesquita e Thais Valim. Obrigada por me ensinarem tanto.

Às minhas irmãs de orientação, já citadas acima, Caroline, Giovanna e Laura, por estarem comigo dentro e fora da UnB. Ter a companhia de vocês durante esses anos tornou o final da minha graduação mais simples e menos solitário.

À equipe do Mundaréu, tanto de Brasília quanto de Campinas. Mas principalmente, à Rai, Joana, Sabrina, Luana e Irene. Foi ótimo adentrar o mundo dos podcasts com vocês, obrigada pela companhia e parceria.

Às minhas interlocutoras, por terem aceitado participar dessa pesquisa e terem cedido um pouco de seu tempo a mim e me receberem com tanto carinho.

Ao Departamento de Antropologia e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, que tornaram essa pesquisa possível através de financiamento.

Agradeço à minha psicóloga, Luísa, por ter tanta paciência comigo e ter me ajudado a superar as minhas crises.

À todas as minhas amigas, por compartilharem a vida comigo, especialmente à Giovanna, Isa Fritz, Isa Fernanda, Júlia, Lala e Vitória. Foi muito importante ter a companhia de vocês durante esse momento de escrita.

RESUMO

Este trabalho analisa a produção de três podcasts de divulgação científica em Antropologia. Os três contam com orientações feministas e foram produzidos em três universidades diferentes. Ciências do Zika, uma série do podcast Mundaréu, sobre a corrida científica que aconteceu durante a epidemia de Zika vírus, entre os anos de 2015 e 2017, com foco em Recife/PE, a série foi produzida na Universidade de Brasília (UnB). De Lua em Lua, também do podcast Mundaréu, produzida na Universidade de Campinas (Unicamp), é uma série sobre dignidade menstrual, feita por e para adolescentes. Cuidando, uma série da Rede Transnacional de pesquisas sobre Maternidades destituídas, violadas e violentadas (REMA), produzida na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), a série trata sobre violência obstétrica. O presente trabalho busca descrever a produção das três séries, entender a escolha pela mídia podcast e como as séries podem contribuir para a Antropologia e para os feminismos.

Palavras-chave: Antropologia; Feminismo; Podcast; Zika Vírus, Menstruação; Violência Obstétrica.

ABSTRACT

This work analyzes the production of three scientific dissemination podcasts in Anthropology. All three have feminist orientations and were produced at three different universities. *Ciência do Zika*, a series from the *Mundaréu* podcast, about the scientific race that took place during the Zika virus epidemic, between 2015 and 2017, focusing on Recife/PE, the series was produced at the University of Brasília (UnB). *De Lua em Lua*, also from the *Mundaréu* podcast, produced at the University of Campinas (Unicamp), is a series about menstrual dignity, made by and for teenagers. *Cuidando*, a series from the Transnational Research Network on Destitute, Raped and Violated Maternities (REMA), produced at the Federal University of Alagoas (UFAL), the series deals with obstetric violence. This work seeks to describe the production of the three series, understand the choice of podcast media and how the series can contribute to Anthropology and feminism.

Keywords: Anthropology; Feminism; Podcast; Zika Virus, Menstruation; Obstetric Violence.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
I. O que são podcasts	7
II. Podcast no Ensino.....	8
III. Podcast e Antropologia.....	10
IV. Podcast e Feminismo	11
Capítulo 1: Metodologia.....	13
1.1 Encontro com o tema	13
1.2 O Campo	15
Capítulo 2: Ciências do Zika	17
2.1 A série.....	17
2.2 A produção	20
2.3 O Feminismo	26
Capítulo 3: De Lua em Lua	31
3.1 Os Ciclos.....	31
3.2 A Produção dos Ciclos	35
3.3 A série	37
3.4 “De Lua em Lua”, uma ação feminista	40
Capítulo 4: Cuidando	44
4.1 A pesquisa	44
4.2 O podcast	47
4.3 A educação permanente como prática feminista	53
Considerações finais	56
Referências	58

Introdução

I- O que são podcasts

O podcast é uma mídia em áudio que não é limitada apenas à música, mas conta com conversas, risadas, efeitos sonoros, etc. Ele é muito associado ao rádio, sendo considerado uma transformação, complemento ou, até mesmo, um meio alternativo a ele, como afirma Bonini (2015). Mas o podcast não é como o rádio que você liga e ouve o que está passando na hora, você pode escolher o que ouvir no momento que quiser. Inclusive uma das explicações para origem de “pod”, é ser uma sigla para “*program on demand*”, programa em demanda (MANICA et al., 2022, p.16). Quando o podcast surgiu no início dos anos 2000, fez tanto sucesso entre o público mais jovem (entre 16 e 29 anos), que algumas rádios, como a *Virgin Radio* no Reino Unido, começaram a seguir seu formato para tentar atrair essa audiência. Tiravam as músicas do programa da manhã, devido aos direitos autorais e os disponibilizavam na internet, para que o público conseguisse ter acesso em outros momentos (Berry, 2006, p.10).

Os podcasts são distribuídos pela internet e ficam disponíveis por meio de RSS feeds¹, dando liberdade para escolher o programa que tiver interesse e baixar para ouvir no momento que preferir, mesmo sem acesso à internet. Arquivos em áudio geralmente são mais leves do que arquivos em vídeos, por exemplo, demoram menos para baixar e ocupam menos espaço nos dispositivos eletrônicos, fazendo com que o consumo desses tipos de mídia se torne uma opção mais viável para uma parcela da população. Sua produção também é bem mais simples, já que não é preciso gravar em um estúdio, nem ter uma licença para publicação. A gravação pode ser feita em qualquer lugar, inclusive em casa, só é preciso de um gravador, que pode ser o do celular. Existem inclusive aplicativos de edição, como o *Audacity* e o *Reaper*, que são gratuitos e contam com tutoriais no YouTube ensinando como usar.

No Brasil, o podcast também teve seus primeiros programas no início dos anos 2000, mas ganhou maior popularidade recentemente, principalmente em 2020, durante a pandemia de Covid-19. Em uma pesquisa do IBOPE feita para a rede Globo (2021), foi mostrado que 57% das pessoas entrevistadas passaram a consumir podcasts durante a pandemia². O podcast

¹ *Real Simple Syndication* é um sistema de distribuição que permite que os conteúdos sejam compartilhados para várias plataformas de uma só vez. Isso permite ao ouvinte buscar e baixar os programas que tiver interesse.

² Disponível em:

<https://gente.globo.com/pesquisa-infografico-podcasts-e-a-crescente-presenca-entre-os-brasileiros/>

era visto como uma companhia durante aquele período de isolamento social (Fleischer e Manica, 2020). A sua produção também teve um aumento considerável na época e continua crescendo, ganhando investimento de empresas como o grupo Globo e o Spotify (Flexor, Pinheiro, 2023). É um ambiente onde quem produz conteúdo se sente confortável em emitir suas opiniões, e essa liberdade permite que os programas tratem de temas mais específicos, atraindo e fidelizando o público (Santos et al., 2018).

É também uma mídia acessível para pessoas que não enxergam e para aquelas que não sabem ler. Com o aumento de podcasts no Brasil, pessoas com deficiência visual têm uma diversidade maior de acesso a conteúdo (Freire, 2011). A podcaster³ Beatriz Kunze trouxe para o Brasil, em 2010, a iniciativa de podcasts para surdos, que se deu com a transcrição completa de um dos episódios do seu podcast “podsemfio” (Freire, 2011).

Segundo a “podpesquisa” de 2020 realizada pela Associação Brasileira de Podcasters (ABPOD, 2021), a podosfera⁴ é composta por 75,7% de produtores homens e apenas 23,3% mulheres. A maioria dos podcasts são produzidos por pessoas da região sudeste do país (54,21%). A podosfera é composta majoritariamente por pessoas brancas (58,8%), com uma renda familiar mensal de R\$5.000 a R\$10.000 (26,10%) (ABPOD, 2021).

II- Podcast no Ensino

No âmbito da educação, o podcast também ganhou muito espaço nos últimos anos, tanto no ensino básico, quanto no superior. É uma boa maneira de engajar os alunos em sala de aula, já que a linguagem digital está mais presente no cotidiano deles. Os estudantes de hoje são considerados “nativos digitais” ou “geração net”, por já terem sido inseridos nesse mundo tecnológico desde cedo em suas vidas (Prensky, 2001). O uso dessa mídia em sala é um jeito de trazer dinâmica para as aulas, criando uma aprendizagem ativa e emancipadora. A palavra é geradora de dialogicidade (Freire, 1980, p.92 *apud* Amarante, 2009), logo, com a oralidade presente nos podcasts, as discentes podem se engajar com debates e levá-los para sala de aula ou até mesmo para casa. Silva e Bodart (2015), por exemplo, propuseram às alunas que discutissem com seus pais sobre os podcasts que foram apresentados em aula, com temas que estavam em pauta na mídia, assim os debates conseguem transbordar para fora do ambiente escolar.

³ Como as produtoras de podcast se denominam.

⁴ Como é chamado o ambiente virtual para interação entre ouvintes e produtores de podcast.

Carvalho (2009) apresenta uma taxonomia de podcasts, separada em seis dimensões: tipo, formato, duração, autor, estilo e finalidade. Para as docentes atingirem os objetivos pretendidos, podem combinar essas diferentes dimensões. Os tipos são: Expositivo/ Informativo, que sintetizam um determinado conteúdo; Feedback/Comentários que contêm comentários construtivos sobre o trabalho das alunas propondo melhorias; Instruções/ Orientações, como o nome já diz é uma maneira de orientar determinado trabalho, e Materiais autênticos são produtos feitos para o público, não são específicos para as alunas. No mesmo artigo, a autora sugere que para captar o interesse das estudantes os podcasts devem ser curtos, com aproximadamente 15 minutos, que é um tamanho que considera moderado. Devem ter início, meio e fim e devem tratar sobre um assunto específico para prender a atenção. Músicas de fundo também podem ajudar a reforçar a mensagem.

O podcast pode ajudar as discentes a aperfeiçoarem o discurso oral e a desenvolverem senso crítico, como contam Campos e Matuda (2019). As autoras argumentam que, fazendo podcasts, as alunas aprendem a sustentar opiniões e engajar os ouvintes a sua fala. Também aprendem a ouvir umas às outras, mesmo quando há divergência nos pensamentos. No mesmo artigo, as autoras fazem uma proposta de projeto para estudantes do terceiro ano do ensino médio. A ideia é que as alunas escolham temas, discutam sobre eles e a partir daí montem um podcast. O projeto tem como objetivo incentivar as estudantes a trabalharem em equipe, desenvolver habilidades de edição e pesquisa. Habilidades essas que contribuem para sua formação profissional.

No ensino superior, além de ser usado em sala de aula, o podcast aparece em projetos de pesquisa e extensão. O mundo acadêmico também se aproximou muito da podosfera, principalmente depois da pandemia de Covid-19. Através dela foi possível divulgar a ciência, mesmo estando em isolamento social (Fleischer e Noronha, 2022; Flexor e Pinheiro, 2023), além de *webinars* e *lives* que foram muito comuns naquele momento.

Já Contreiras (2022), Ribas e Noronha (2022) mostraram o uso de podcasts como uma inovação para as aulas na época da pandemia. Através do projeto "O que faz a Antropologia? Desenvolvimento e estruturação de um podcast como um recurso digital de apoio ao ensino e à aprendizagem", realizado pelo podcast Mundaréu, com apoio do Centro de Educação à Distância da Universidade de Brasília (CEAD/UnB), convidaram professoras de algumas disciplinas a usar episódios do Mundaréu. Os episódios foram aproveitados como material didático em complemento aos textos e as aulas expositivas. O uso do material trouxe uma compreensão maior dos conteúdos pelas estudantes.

Como naquele período pandêmico as aulas estavam acontecendo de maneira remota, as docentes precisaram adaptar suas aulas para caber no formato online. Então, era muito comum que podcasts aparecessem nas ementas, como métodos avaliativos, como conteúdo para ser ouvido antes da aula ou até posteriormente disponibilizarem as aulas em formato de podcast. O podcast em ambiente acadêmico incentiva a interdisciplinaridade, capacita as discentes profissionalmente. Como o podcast exige várias habilidades, como edição, locução e roteirização, não é incomum que dentro de uma equipe existam pessoas de diversas áreas. E com essa troca, os membros da equipe vão aprendendo juntos novas habilidades.

Flexor e Pinheiro (2023) relataram sobre o projeto UnBcast⁵, criado pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC/UnB) e como a partir dele foi criada uma rede, que reúne produções sonoras de várias instituições de ensino superior, além de manter diálogo com o terceiro setor, com instituições como a ABPOD – Associação Brasileira de Podcasters. O projeto se mantém bastante interdisciplinar, por não conter apenas pesquisadoras da área de Comunicação, mas de outros campos como a tradução, por exemplo.

III- Podcast e Antropologia

A Antropologia é uma área que também vem ocupando a podosfera. Por ser um campo que possui uma carga de leitura muito alta, o podcast serve como um meio de “desafogar os olhos” (Fleischer e Mota, 2021). Além disso, é uma ótima plataforma de divulgação científica por não ter um custo alto de produção e conseguir alcançar um público fora da academia, por circular mais facilmente que um artigo, por exemplo. O podcast também humaniza a cientista, a voz transparece a identidade das pesquisadoras, mostrando seu sotaque, suas emoções, trazendo uma intimidade com quem ouve (MANICA et al., 2023, p.18).

Foi a partir dessas ideias que surgiu o Mundaréu, um podcast de divulgação científica em Antropologia. O projeto é de parceria do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (DAN/UnB) com o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade de Campinas (Unicamp). Respectivamente, é coordenado por Soraya Fleischer e Daniela Manica e lançado em 2019, foi o primeiro podcast de divulgação científica em Antropologia. Depois deles surgiram vários outros, formando inclusive uma rede, a rádio

⁵ Conheça mais em: < <https://www.unbcast.com/> >. Acesso em: 15 out, 2023.

Kere-kere.⁶ A Kere-kere serve para unir produtores de podcasts das Ciências Sociais, principalmente da Antropologia, para trocarem aprendizados tanto de Antropologia como de podcast.

A mídia podcast também pode funcionar como objeto de pesquisa. Lundström e Lundström (2020) explicam em “podcast ethnography” como etnografar um podcast. No artigo, os autores mostram três estágios da pesquisa: explorar, engajar e examinar. No estágio de explorar é quando se escolhe o podcast, se familiariza com seu universo, com quem produz e com quem consome, onde está disponível, quantos episódios tem, qual sua duração, etc. Na fase de engajar, é preciso ouvir e documentar os episódios, os autores explicam que é um campo flexível, que tem como ouvir os episódios enquanto realiza outras tarefas. E o último estágio é examinar, responder a perguntas do início da pesquisa e entender porque esse podcast está sendo produzido, depois de já ter familiaridade com ele.

Eles deram exemplo de um podcast que etnografaram, o Motgift, um podcast com temática fascista, já que essa era a linha de pesquisa deles. Passaram quase três anos etnografando o programa, ouvindo semanalmente, se sentiam até meio culpados por estarem tão “íntimos” dos apresentadores, sendo que não concordavam com o que estava sendo propagado. Mas afirmaram que a mobilidade espacial permitida por essa mídia, foi algo muito produtivo, já que não precisavam estar em um local específico para fazer essa etnografia. Este TCC se imprime na proposta de Lundström e Lundström. Aqui também explorei, engajei e examinei as séries de podcast Ciências do Zika, De Lua em Lua e Cuidando.

IV- Podcast e Feminismo

Por ser uma plataforma que visa acessibilidade, e que você pode consumir enquanto realiza outras atividades, o podcast permite uma disseminação maior de debates. Dá espaço a pessoas historicamente silenciadas e invisibilizadas, como as comunidades LGBTQIA +, negra e indígena, mulheres, etc. (Fleischer, 2023, p.15). É uma mídia que une pessoas com pensamentos e objetivos em comum. Em 2017, Ira Croft criou a *hashtag* #mulherespodcasters, com a intenção de engajar e trazer reconhecimento para mulheres presentes na mídia. Essa *hashtag* foi uma maneira de achar mais mulheres que também produzem podcasts para assim poderem se unir nesse ambiente que é majoritariamente masculino. No mesmo ano, surgiu a campanha #OPodcastédelas com o intuito de incentivar

⁶ Conheça mais em: < <https://radiokerekere.wordpress.com/>>. Acesso em: 30 jan, 2024

mais mulheres a produzirem podcasts (Hack e Lima, 2022, p. 251). Além disso, Hack (2023) organizou o livro *Feminismos e podcasts*, que reúne vivências e estudos sobre podcasts e feminismos.

Neste sentido, por exemplo, o “Elas pesquisam” é um podcast que divulga pesquisas feitas por mulheres, foi criado com o intuito de tornar possível a escuta de vozes que são invisibilizadas (Costa e Coelho da Silva, 2023, p.169). O podcast é totalmente produzido por mulheres, através desse movimento de mulheres podcasters, elas conseguem divulgar seu trabalho com outras mulheres, além de encontrarem uma rede de solidariedade.

Neste TCC, optei por analisar três séries de podcasts feministas também. O objetivo deste TCC é descrever a produção das três séries, entender a escolha pela mídia podcast e como contribuem para a Antropologia e para os feminismos. A pesquisa foi realizada através de etnografia e o capítulo 1 falará mais sobre a metodologia. O TCC terá mais três capítulos, cada um sobre uma das séries. Cada capítulo será aberto por um trecho de episódio daquela série. Depois, passará pelo objetivo, produção e perspectiva feminista ali compreendidas.

Durante a escrita desta monografia, optei por deixar as citações com a mesma fonte do restante do texto como maneira de estimular a leitura. Além disso, escolhi por adotar o coletivo feminino, por ser o gênero com o qual me identifico e com o qual todas minhas interlocutoras se identificam também.

CAPÍTULO 1

Metodologia

Vou usar este primeiro capítulo para descrever minhas escolhas metodológicas, tanto da pesquisa, quanto da escrita deste trabalho. Começarei explicando como encontrei o tema, ou como ele me encontrou. Sobre minhas experiências na matéria de Métodos em Antropologia Social (MTAS) (DAN0040), que é um pré-requisito para as atividades tutoriais de monografia, a saber; “Seminários de pesquisa” (DAN0090), “Excursão didática em pesquisa” (DAN0091) e “Dissertação” (DAN0031). E também sobre o meu ingresso na equipe do Mundaréu e como foi importante para a realização da minha pesquisa de TCC.

1.1 Encontro com o tema

Para explicar como eu cheguei nessa pesquisa, preciso voltar para junho de 2022, quando a UnB voltou a ter aulas presenciais, depois de ter passado quatro semestres com aulas remotas, devido à pandemia de Covid-19. Nesse semestre peguei a disciplina de MTAS, que foi ministrada pela professora Soraya Fleischer. Decidi não pegar essa matéria durante o ensino remoto porque queria ter a experiência presencial. Nessa época, eu não tinha muita ideia do que pesquisar para o meu TCC, não havia feito iniciação científica. Estava até um pouco apreensiva, porque minhas colegas diziam que era bom entrar nessa disciplina com um tema em mente, já que depois já estaríamos aptas a começar o TCC.

Mas a disciplina foi bem diferente do que estávamos esperando, Soraya não pediu para definirmos um tema para a monografia, mas nos ensinou, na prática, sobre as etapas de pesquisa. Fizemos algumas saídas de campo pelo lado sul do campus Darcy Ribeiro, já que as aulas aconteceram no BSAS.⁷ Íamos em duplas ou em trios nessas saídas, fizemos desenhos, tiramos fotos, escrevemos diários de campo, fizemos entrevistas e as transcrevemos.

Lemos três TCCs na íntegra defendidos no DAN/UnB: “Se o grileiro vem, pedra vai: redes de solidariedade e suborno na Fazenda Bonito, território Kalunga” (Sousa, 2022), “Percepções sobre identidades étnicas e raciais em charges sobre Jacob Zuma na África do Sul” (Monteiro, 2020) e “Se você abrir o armário do meu filho, só tem remédio”: Reflexões antropológicas sobre medicamentos no cenário da Síndrome Congênita do Zika Vírus em Recife/PE (Kinihs, 2020). O de Kinihs me chamou bastante atenção, em sua introdução, ela

⁷ Bloco de Salas Ala Sul. Edifício de salas de aula da UnB.

faz um estado da arte sobre medicamentos e nisso um histórico dos remédios anticoncepcionais. Lendo esse trabalho, me surgiu o interesse em pesquisar anticoncepção.

No semestre seguinte, o segundo de 2022, muitas colegas, que estavam comigo em MTAS, seguiram para “Seminários de pesquisa em Antropologia”, que é a primeira de três atividades que compõem o TCC. Eu decidi esperar mais um semestre e segui para outras disciplinas. Uma delas foi “Tópicos especiais em Antropologia 3” (DAN0068), também ofertada pela professora Soraya, onde lemos, na íntegra, etnografias sobre biomedicina. Uma dessas etnografias foi o livro “Uma ciência da diferença sexo e gênero na medicina da mulher” de Fabíola Rhoden (2001). Ler esse livro me fez pensar de novo sobre o tema da anticoncepção e me despertou ainda mais interesse.

No final do semestre, com esse tema em mente, pedi para que a Soraya me orientasse e na mesma época participei do processo seletivo do projeto intitulado, “Um mundaréu de histórias: Antropologia feminista da ciência e da tecnologia na América Latina”, do podcast Mundaréu. Passei no processo seletivo como bolsista do PIBEX. O primeiro encontro da equipe foi uma oficina de produção ministrada por Irene do Planalto, graduanda em Antropologia, que também integrava o Mundaréu. Na oficina, também participaram algumas integrantes do grupo de pesquisa Ciências do Zika⁸ e a professora Débora Allebrandt da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), que estava na UnB em licença capacitação. Débora tem um projeto que busca estratégias de educação permanente nas maternidades de Alagoas e estão produzindo um podcast como produto desta pesquisa.

Depois da semana da oficina, tive uma conversa com a Soraya e ela me propôs unir o TCC e o Mundaréu e fazer uma pesquisa com a temática de podcasts. Achei a ideia ótima e ao longo do semestre fui lendo sobre podcasts, participando das reuniões do Ciências do Zika e pensando em um tema para escrever o projeto. Nesse período o Mundaréu estava produzindo as próximas temporadas através do projeto “Um Mundaréu de histórias: Antropologia feminista da ciência e da tecnologia na América Latina”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Mapeamos antropólogas que estavam realizando pesquisas sobre ciência e tecnologia, no Brasil, na Colômbia e na Argentina, com uma temática feminista. Com o financiamento, pudemos gravar os episódios

⁸ Grupo de antropólogas da Universidade de Brasília que estudam a ciência produzida durante a epidemia de Zika vírus em Recife, pelo projeto “Uma Antropologia da Ciência do Zika: Resultados, retornos e epistemologias”. À época estavam produzindo uma série de podcasts como produto da pesquisa.

in loco. Pude acompanhar a equipe, na gravação dos episódios 22⁹ e 23¹⁰, em Porto Alegre/RS, e 24¹¹ e 26¹² em Maceió/AL.

Nesse período estava em muito contato com a professora Débora, porque ela veio algumas vezes à UnB por causa da sua licença. Além disso, acompanhei de perto a produção da série Ciências do Zika. Então, muito influenciada pela pesquisa do Mundaréu, decidi que também queria trazer o feminismo para a minha pesquisa. Logo, quis fazer pesquisa sobre as duas séries, a da UFAL e a da UnB. Logo depois, soube de outra série que o Mundaréu produziria sobre menstruação que estava sendo desenvolvida pela equipe da Unicamp. Assim, esse TCC se debruçou sobre três podcasts diferentes, produzidos por três universidades diferentes, e todos com uma orientação feminista. As séries possuem temáticas que perpassam a concepção, menstruação, gravidez e parto. Logo, não abandonei a minha intenção inicial de pesquisa, apenas expandi unindo com os podcasts.

1.2 O Campo

A série Ciências do Zika foi a primeira, das três, com que tive contato. Nos meses de março e abril de 2023, participei das reuniões que aconteciam toda semana no DAN/UnB. Nas reuniões lemos os roteiros, escutamos episódios que já estavam prontos, sugerindo alguma alteração ou não. Revisei a transcrição de um dos episódios, como atividade do Mundaréu. Ainda fiz entrevistas com algumas das produtoras da série, que serão apresentadas no próximo capítulo.

Em outubro de 2023 aconteceu o X Simpósio Nacional de Ciência, Tecnologia e Sociedade (ESOCITE), na UFAL. O evento estava sendo organizado pela professora Débora, então foi uma ótima oportunidade de participar do evento e me aproximar mais da sua pesquisa. Fui alguns dias antes do evento junto com minha colega do Mundaréu, Irene do Planalto, que também estava participando da produção da série como consultora¹³. A ideia era unirmos as gravações da série e as minhas entrevistas para a pesquisa, mas acabou não acontecendo como planejado. Os roteiros da série ainda não estavam finalizados e também não tivemos muitas respostas das integrantes da equipe. Ainda assim, consegui entrevistar

⁹ Escute em: <<https://mundareu.labor.unicamp.br/22-nos-rastros-das-mulheres-na-Antropologia-visual/>>. Acesso em: 17 ago, 2024

¹⁰ Escute em: <<https://mundareu.labor.unicamp.br/23-infancias-e-hospitais/>>. Acesso em: 17 ago, 2024

¹¹ Escute em: <<https://mundareu.labor.unicamp.br/o-parto-como-travessia/>>. Acesso em: 17 ago, 2024

¹² Escute em: <<https://mundareu.labor.unicamp.br/25-Antropologia-feminista-da-ciencia-e-da-tecnologia/>>. Acesso em: 17 ago, 2024

¹³ Caminho do Som Consultoria. Conheça mais em: <<https://www.instagram.com/caminhodosomesconsultoria/>>. Acesso em: 17 ago, 2024

duas integrantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e as três coordenadoras do projeto. Vou apresentá-las no capítulo 4.

Ainda no X Simpósio Esocite, consegui entrevistar duas das coordenadoras da série sobre menstruação, que apresentarei melhor no Capítulo 3. Fiz quatro entrevistas através do aplicativo de mensagem *Whatsapp*, com as três participantes do PIBIC-EM e com uma das coordenadoras. Mandei perguntas em áudio, e elas também me responderam em áudio.

Para organizar os dados coletados através das entrevistas, fiz transcrição de todas as entrevistas, inclusive as realizadas através do *Whatsapp*. Fiz as transcrições com ajuda dos *softwares* de transcrição *Transcriptor* e *Pin Point*. O *Transcriptor* é um *software* que o Mundaréu estava pagando para fazermos as transcrições das entrevistas para as temporadas, pude usar com autorização das coordenadoras do projeto. Depois da transcrição, fiz três tabelas, uma para cada série, separando trechos relacionados à produção da série e ao feminismo. Daí comecei a pensar a estrutura do TCC e decidi dedicar um capítulo a cada série passando pela produção e pela perspectiva feminista das equipes.

Cada um dos próximos capítulos deste trabalho será dedicado a uma série pesquisada. No primeiro, Ciências do Zika, série lançada em maio de 2023, sobre a ciência feita durante a epidemia de Zika vírus no Nordeste brasileiro. No segundo, De Lua em Lua, lançada em maio de 2024, sobre dignidade menstrual de uma perspectiva antropológica. E no quarto capítulo, Cuidando, uma série sobre violência obstétrica, que ainda não foi lançada. Organizei a ordem dos capítulos pensando na ordem de lançamento das séries.

CAPÍTULO 2

Ciências do Zika

2.1 A série

BLOCO 1 - Introdução e imaginação

Thais: Bom Irê, pra começar, antes de adentrar um pouco mais na minha pesquisa específica, eu queria te pedir pra imaginar uma cena...

Irene: Eba, aqui no Mundaréu a gente adora uma cena, uma história...

Thais: Então, Irê... Eu queria que você fechasse os olhos e imaginasse uma maternidade lá em Recife. O que você vê? **[Efeitos sonoros de ambientação de hospital, bebês chorando]**

Irene: Vejo bebês, vejo enfermeiras, médicas, vejo mães...

Thais: Pois é, Irê, esse é o cenário que muitas das nossas interlocutoras cientistas vêm diariamente. Muitas delas, como você vai conhecer em outros episódios dessa série, são, além de pesquisadoras, profissionais de saúde. E foi no serviço, mais especificamente nas maternidades, que um grupo de médicas começou a observar que algo diferente estava acontecendo ali em Recife...

Essa é uma pequena parte do roteiro do primeiro episódio da série Ciências do Zika, “Criança não é adulto pequeno”¹⁴. Nesse trecho, conhecemos a voz de Thais Valim, que à época era doutoranda em Antropologia e Irene do Planalto, à época graduanda em Antropologia. Thais faz um exercício de ambientação da pesquisa. Através de efeitos sonoros comuns do ambiente hospitalar, em especial de uma maternidade, podemos identificar o cenário em que o projeto “Uma Antropologia da Ciência do Zika: Resultado, retornos e

¹⁴ Ouça em: <<https://mundareu.labor.unicamp.br/1-crianca-nao-e-adulto-pequeno/>>. Acesso em: 17 ago, 2024

epistemologias”¹⁵, foi desenvolvido. A transcrição do roteiro do episódio pode ser encontrado na página da série no site do Mundaréu¹⁶, junto com outros materiais extras sobre a pesquisa. Esse material é disponibilizado como uma iniciativa para tornar o podcast mais acessível a pessoas com deficiência auditiva, por exemplo, contando, inclusive, com a descrição dos efeitos sonoros usados no episódio. O Mundaréu adota em seus roteiros uma legenda de cores, a marcação em amarelo significa que tem algum elemento de sonoplastia por trás da fala e a cor roxa é usada para marcar os blocos. A música usada como tema da série foi “Suporto perder” do álbum “Virada na Jiraiya” da artista recifense Flaira Ferro.

A série de podcast é um dos resultados dessa pesquisa, que foi realizada por uma equipe de antropólogas do DAN/UnB e foi coordenada por Soraya Fleischer e Thais Valim, professora e doutoranda no DAN, respectivamente. O grupo existe desde 2016, quando estudava a epidemia de Zika Vírus em Recife sob a perspectiva das “mães de micro”¹⁷. Mas, à época da produção da série, a pesquisa era sobre o trabalho de cientistas, sobretudo da área da saúde, que se dedicavam a estudar o vírus Zika na região do Recife/PE.

Ao longo do referido episódio, Thais vai explicar como foi o que chamaram de “corrida científica”, iniciada em 2015 no Recife. Neste ano, surgiram muitos casos de microcefalia nessas maternidades, sendo que, em um mês, já havia mais casos do que o que geralmente chegava ao longo de um ano inteiro. Com muita pesquisa e muitas parcerias entre pesquisadores, instituições de saúde e universidades internacionais, descobriram que esses casos eram decorrentes de um vírus recém-chegado ao território brasileiro, o Zika. O contágio do vírus por mulheres gestantes, gerava um conjunto de sintomas e deficiências neurológicas ao feto, condição que ficou convencionada como Síndrome Congênita do Vírus Zika (SCVZ). Com o aumento dos casos em vários outros estados, além de Pernambuco, foi decretado Estado de Emergência Nacional (ESPIN) pelo Ministério da Saúde (Brasil, 2015) e, posteriormente, Estado de Emergência Internacional (ESPII) pela Organização Mundial de Saúde (WHO, 2016). A série Ciências do Zika percorre justamente a resposta científica que os cientistas pernambucanos deram a esse vírus, em particular, 78 deles que foram entrevistados pela equipe em 2018 e depois em 2022 e 2023.

A série é vinculada ao Mundaréu, um podcast produzido em parceria por duas universidades brasileiras: a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e a Universidade

¹⁵ Coordenado por Soraya Fleischer e por Thais Valim. Financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal.

¹⁶ Disponível em: <<https://mundareu.labjor.unicamp.br/series/ciencias-do-zika/>>. Acesso em: 17 ago, 2024.

¹⁷ Como as mães das crianças com microcefalia causada pela Síndrome Congênita do Vírus Zika decidiram se chamar. (Marques et al, 2021).

de Brasília (UnB). A série foi um produto realizado com financiamento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF), estreado no dia 29 de maio de 2023 e com lançamentos de frequência semanal, tendo um total de sete episódios com duração média de 20 minutos, mais um *teaser*¹⁸ de 3 minutos. O *teaser*¹⁸ foi feito para divulgação da série, trazendo uma breve sinopse do que aparece nos sete episódios e procurando instigar as ouvintes sobre o que é possível esperar do conteúdo.

Irene do Planalto foi âncora da série, ela entrevistava as integrantes do grupo de pesquisa da UnB. Assim como muitas das ouvintes, Irene não era da área da Antropologia da saúde e, propositalmente, foi aprendendo sobre as Ciências do Zika ao longo desses episódios. Em cada episódio, a âncora convidou uma das pesquisadoras a explicar o seu tema de pesquisa de graduação, mestrado ou doutorado. Além disso, foram usados áudios das entrevistas, que não foram pensadas inicialmente para alimentarem um podcast. Mas na série serviram para ilustrar os argumentos das pesquisadoras e deixar que as próprias interlocutoras dessem voz às experiências analisadas e discutidas.

Muitas pessoas participaram da produção dessa série, mesmo antes dela ser idealizada. Participaram realizando entrevistas em Recife, transcrevendo, revisando e analisando-as. Porém, à época, no projeto de pesquisa, a equipe era formada por oito pesquisadoras, cinco da graduação, duas do doutorado e uma professora doutora. Para a minha pesquisa de TCC, conversei com cinco delas. Neste capítulo, vão aparecer relatos de Caroline Franklin, Irene do Planalto, Laura Coutinho, Mariana Petruceli e Thais Valim, as quatro primeiras graduandas à época e a última, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia (PPGAS/DAN). Destas cinco, apenas a Irene não fazia parte da pesquisa, mas coordenou a produção da série junto com Mariana.

Entrevistei Caroline e Laura juntas no DAN e as outras três individualmente, Irene e Thais também no DAN e Mariana em sua casa. As entrevistas foram feitas depois que todos os episódios da série já tinham sido lançados. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas por mim, com a ajuda dos softwares de transcrição, *Transcriptor* e *Pinpoint*. Além das entrevistas, também acompanhei o processo de produção da série. Tínhamos reuniões presenciais e semanais no DAN, onde líamos os roteiros e escutávamos versões de algumas gravações, comentávamos o que estava dando certo e o que poderia melhorar em cada episódio. Embora eu não estivesse participando daquela pesquisa nem da produção da série, a

¹⁸ *Teaser* é uma prévia da série que tem o objetivo de despertar o interesse do público.

equipe me convidou para acompanhar porque eu já havia manifestado o interesse em fazer o TCC sobre esta série.

2.2 A produção

Para produzir um podcast, é importante ter familiaridade com a mídia e entender como esta ferramenta pode ser utilizada. Nas entrevistas com as cinco antropólogas citadas no tópico anterior, ouvi como cada uma tinha uma relação diferente com a escuta de podcasts e pude perceber que esse não era um costume de todas elas. Não fazia parte de suas rotinas e era um formato menos agradável para quem é mais próxima das mídias visuais, como Laura e Caroline explicaram em suas entrevistas:

E eu acho que o podcast fica um pouco mais distante da minha realidade, porque não é uma coisa que as pessoas ao meu redor escutam muito, sabe? Então, eu não tive essa influência de ouvir podcast, eu nunca fui de escutar rádio. (Trecho de entrevista, realizada por mim, com Laura)

Eu não consigo focar em alguma coisa, que está só sendo falado e eu não tenho para onde olhar, não tenho como olhar para o rosto das pessoas, para as expressões. Então, acaba que o podcast não me prende. Inclusive, assim, os podcasts que eu já cheguei a ouvir alguma coisa ou outra são aqueles que têm o corte, né, que é gravado no estúdio. (Trecho de entrevista, realizada por mim, com Caroline)

Durante as entrevistas, falamos sobre o contato com a mídia e notei uma opinião comum, que o podcast pode ser uma ótima ferramenta para promoção de debates, especialmente em sala de aula. É aprendendo a ouvir que conseguimos desenvolver capacidades dialógicas (Campos e Matuda, 2019, p.89). Assim, os podcasts nos incentivam a escutar diferentes vozes e nos abrem ainda mais para o debate. Mesmo quando não se tem o hábito de escutar podcasts, quando este é trazido para uma disciplina se torna uma tarefa coletiva, o que pode ser um incentivo à escuta. O contato que as interlocutoras tiveram com os podcasts em sala de aula, ajudou na familiarização com a mídia, Laura comentou um pouco sobre as experiências que teve:

Assim, eu acho que em disciplina, por exemplo, eu acho bem mais legal, quando a gente escuta [podcast] junto. (...) Eu acho que quando eu vou escutar só o podcast, eu sinto que fica um pouco vazio, sabe? Assim eu não consigo me conectar muito com aquilo, aí eu eu

viagem na história. (Trecho de entrevista, realizada por mim, com Laura)

O uso de podcasts em sala de aula foi importante para que ela se aproximasse dessa ferramenta sonora, com a escuta coletiva teve mais facilidade em se concentrar e pôde compartilhar as ideias trazidas no material. Esse tem se mostrado, inclusive, um bom jeito de complementar os textos, já que é um meio fácil de encaixar na rotina. Pode ser ouvido enquanto se faz outras atividades ou durante o deslocamento até a universidade. Ainda é um descanso para os olhos, tão sobrecarregados para estudantes das Humanidades que precisam cobrir muito material escrito (Fleischer e Mota 2021 p.3). Pode ser, também, um diferencial avaliativo, onde as alunas podem explorar a criatividade, ao invés de fazer uma prova tradicional. Laura explicita essas questões, narrando como produzir um podcast acionou diversas habilidades, conhecimentos e ideias. Para ela, a série Ciências do Zika foi crucial na aprendizagem de técnicas e de desenvolvimento dessas atividades que puderam ser incorporadas em sala de aula posteriormente:

Eu fiz [podcast para uma disciplina]. Eu fiz mais um episódio. Dessa vez, como a gente tinha feito a oficina com a Irene, eu aprendi muita coisa sobre a produção. Aprendi os aplicativos, os sites que você pega as coisas. (...) Fui tendo ideias também, né? Como não tinha esse contato, eu descobri muita coisa na oficina e durante a produção do Zika. (Trecho de entrevista, realizada por mim, com Laura)

Além de uma ferramenta interessante para o aprimoramento de capacidades técnicas e criativas, o podcast tem sido bastante explorado como recurso didático. Alguns episódios do Mundaréu contam com indicação de disciplinas, das Ciências Sociais, onde o episódio pode ser utilizado. A série Ciências do Zika também foi usada em sala de aula, na disciplina de “Tópicos especiais em Antropologia 10”¹⁹, que trabalhou temáticas da Antropologia da saúde. Inclusive a produção da série, além de ser pensada como divulgação científica e devolutiva para as interlocutoras, também foi pensada para ajudar na formação de profissionais da saúde, como ilustra a âncora da série:

Durante um bom tempo, eu fiquei meio em dúvida de qual ia ser esse público e depois eu fui entendendo, né? Conversando com elas, que era mais voltado, inclusive, para os estudantes das áreas da saúde também, para poderem usar nas matérias mais voltadas para saúde coletiva, esse lado mais social, né? Então, eu acho que tem muito esse

¹⁹ O programa da disciplina pode ser encontrado em: https://www.dan.unb.br/images/dan/2_2_Detalhes_dos_cursos/programas/2023-2/programa_Antropologia-da-saude_sfleischer.pdf

lado formativo para outros profissionais. (Trecho de entrevista, realizada por mim, com Irene, grifos meus)

Além disso, o podcast tem sido bastante abraçado pela Antropologia, porque tem essa similaridade de contar histórias de uma maneira única. Com a produção da série, foi possível colocar os áudios originais das entrevistas, os quais são muito importantes para a ambientação etnográfica, pois assim se escuta o sotaque da interlocutora, o tom da voz falando sobre os assuntos e a emoção do momento. Além de poder ouvir o som do ambiente, o movimento do local onde foi feita a entrevista. E como explica Thais Valim, no trecho abaixo, elas encontraram na ambientação sonora um jeito engajante de contar essas histórias:

Acho que na Antropologia a nossa grande potência, o nosso grande potencial convidativo mesmo, de engajamento, por parte dos ouvintes, dos leitores, das pessoas que querem conhecer essa disciplina, são mesmo as **histórias**, né? Então, é o potencial evocativo que uma determinada história pode dar para o leitor chegar àquele ambiente, entender o que que a gente tá querendo passar. E aí com esse podcast, eu fui vendo, acho que todas tiveram essa impressão, do quanto que o **áudio é isso, né? O tesão [de ouvir a própria] voz do interlocutor, o barulho das coisas à volta, uma ambulância, é um barulho de caneta, o barulho do ar condicionado.** (Trecho de entrevista, realizada por mim, com Thais, grifos meus)

Durante a série, ouvimos entrevistas em cafés, hospitais e também remotas. Ouvimos pessoas ao fundo conversando, crianças brincando, ar condicionado ligado. Tudo isso ajuda a ambientar o local e a interpretar a cena. A emoção na voz das interlocutoras também aparece bastante. A preocupação na voz quando falam sobre a epidemia do Zika, o tom de raiva e tristeza quando falam de como as famílias das crianças com a síndrome nem sempre receberam um tratamento respeitoso por outros profissionais. E esses tons ainda são intensificados com ajuda dos efeitos adicionados na edição por Irene do Planalto. Efeitos como um barulho de telefone quando alguém menciona uma ligação, ou uma música tensa ao fundo, quando mencionam situações mais tristes. Nesse sentido, a essência auditiva do podcast permite à ciência a construção de análises e teorias com uma qualidade sensível, ampliando os meios de percepção de sensações, sentimentos, e ambientes.

Mas, para alcançar essa riqueza etnográfica vieram os desafios. Foi preciso fazer uma repactuação com as interlocutoras e as mesmas tiveram que pensar bem nos trechos usados na hora do roteiro. Durante a pesquisa, o anonimato das interlocutoras estava assegurado pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)²⁰, aprovado pelo Comitê de Ética em

²⁰ Este é um documento que assegura os direitos das participantes da pesquisa, garantindo seu anonimato.

Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília (CEP/CHS/UnB). Assim, foi necessário fazer uma repactuação com as interlocutoras que apareceram na série. Mesmo com essa repactuação tiveram um grande cuidado na escolha dos trechos utilizados. O objetivo era não usar nada que pudesse prejudicar as interlocutoras, já que estavam usando sua voz e poderia ser reconhecida. Como explicado por Caroline no trecho abaixo:

E do que entrava tinha que ver, porque às vezes você queria um trecho ali que estava muito bom, mas a interlocutora **falava alguma coisa que poderia prejudicá-la**. Alguma coisa assim, alguma crítica que ela fez, alguma forma menos... Menos delicada de uma coisa que ela iria falar e não fica legal porque ia ter a voz dela, então ela seria identificada. **Então, muita coisa assim também teve que ser cortada**, ou do áudio ou trecho do áudio ou toda a fala dela tem que ser cortada, porque não dá pra encaixar. Então, sempre minha elaboração do roteiro foi o que mais pesou mesmo. (Trecho de entrevista, realizada por mim, com Caroline, grifos meus)

Pude acompanhar de perto esses movimentos de repactuação. Mandaram e-mails e mensagens, com o roteiro, para a interlocutora avaliar se se sentia confortável com o uso de suas falas. Algumas responderam prontamente, algumas demoraram e até foi preciso uma insistência para se obter uma resposta. Mas, também tiveram interlocutoras que não responderam ao convite para que sua entrevista integrasse a série. Com isso, foram necessárias adaptações que possibilitassem a construção do episódio, como cortar a fala desta interlocutora e, se muito importante para o episódio, parafrasear com as próprias palavras. Isso aconteceu no episódio 7, “Quando uma epidemia e uma pandemia se encontram”²¹, em que o interlocutor falou algo muito central para o episódio, mas não respondeu a tempo e a equipe não pode usar o áudio. Assim, as explicações foram colocadas nas frases da Ana Paula, a pesquisadora que, neste episódio, contou de seu projeto sobre Zika e Covid-19:

Irene: Legal, me conta. Quem é esse cientista e o que que ele comentou?

Ana Paula: Ire, esse cientista é um virologista, ele tem a formação em ciências biológicas e trabalha numa instituição pública voltada pra produção de tecnologias envolvendo ciência e saúde. E **eu vou dar um nome fictício pra esse cientista, de modo a preservar o anonimato**. E esse é um compromisso que eu tenho com as pessoas que conversei durante a minha pesquisa. Enfim, vamos nomear esse cientista de Túlio Silva.

Irene: E o que que você escutou do Túlio que te chamou tanto a atenção e que você quer trazer aqui no episódio?

²¹ Ouça em: <<https://mundareu.labjor.unicamp.br/7-quando-uma-epidemia-e-uma-pandemia-se-encontram/>>. Acesso em: 17 ago, 2024

Ana Paula: Então, Ire o Túlio faz pesquisa que a gente chama “in vitro”, que são aquelas pesquisas que não envolvem seres humanos. Eh, e esse estudo tem como base isolar uma substância numa placa de vidro, e daí o nome “in vitro”. Eh, no caso pode ser um remédio, enfim, medicamento e aí colocar essa substância pra interagir numa célula, que tá infectada por um vírus que vai tentar se checar o efeito desse medicamento, nessa célula. (Trecho do roteiro transcrito do episódio 7, grifos meus)

Além disso, como as entrevistas usadas foram todas gravadas antes da ideia da série, as condições de gravação não foram pensadas para podcast. As entrevistas foram feitas como material de pesquisa e não planejavam, inicialmente, publicar esses áudios. Muitas foram gravadas em ambientes barulhentos, como cafés e hospitais. Às vezes, a voz da interlocutora estava um pouco mais distante, por não estar falando diretamente no gravador. Esses detalhes comprometeram, um pouco, a qualidade sonora dos episódios, mas permitiram que as características do campo fossem transmitidas pelo som. Foi uma escolha que garantiu riqueza para as histórias e não comprometeu a qualidade da série.

Cada roteiro foi escrito por uma das pesquisadoras da equipe e cada um dos episódios tratou de um tema, um aspecto do fabrico científico do Zika. Elas olharam para as entrevistas realizadas com as 78 cientistas e procuraram áudios que ilustravam o tema, traziam opiniões discordantes, recontavam a história da epidemia etc. Os roteiros foram lidos, comentados e aprimorados por todas da equipe. Além das dificuldades mencionadas no parágrafo anterior, cada uma teve suas particularidades com a escrita do roteiro, pela diferença de intimidade com os dados ou com o desafio de colocar tantas informações em pouco tempo de episódio.

Algumas já estavam na equipe há mais tempo, já tinham feito trabalho de campo no Recife e haviam participado diretamente de algumas entrevistas, assim conheciam pessoalmente as cientistas entrevistadas. Já outras, tinham recém-chegado à equipe e ainda não tinham sequer ido à capital pernambucana, não conheciam as interlocutoras pessoalmente, estavam se familiarizando com os dados junto com a criação do podcast. Inclusive, produzir o podcast foi considerado uma etapa pré-campo, de preparação para viajar e conhecer outras cientistas. Por isso alguns roteiros ficaram prontos com mais facilidade do que outros. O primeiro roteiro a ficar pronto foi o do episódio 6, feito pela Mariana Petruceli, que tinha acabado de defender seu trabalho de conclusão de curso (TCC), sobre as responsabilidades assumidas pelos cientistas do Zika (Petruceli, 2023). O título do episódio

foi “O que seria uma ciência responsável?”²². Ela ainda estava com um contato muito próximo a esses dados:

Eu achei muito fácil, muito fácil [montar o roteiro do episódio], que bom que eu fui o piloto porque ficava pronto [pra série]. Foi **muito fácil, porque eu já tinha tudo escrito e eu tinha recém-defendido não tinha muito tempo**. Então, eu tava com tudo muito fresco na cabeça, lembrava até de quase a voz [das entrevistadas] assim, sabe? (Trecho de entrevista, realizada por mim, com Mariana, grifos meus)

Já Caroline Franklin e Laura Coutinho, que ainda não tinham ido a campo, produziram seus roteiros quando ainda estavam encontrando o tema de pesquisa de seus TCCs. Dessa forma, a série acabou sendo uma atividade da iniciação científica que promoveu familiarização com o campo, já que estavam analisando os dados enquanto construíam os roteiros dos episódios e também definiam o seu tema de TCC. Elas explicam isso nos trechos abaixo:

A gente não tinha ido a campo nessa época. Então, todas as entrevistas no nosso caso [Laura e eu], a gente não tinha participado de nenhuma, absolutamente nenhuma. Então, **a gente não tinha uma intimidade com material nem com os interlocutores**, nem com as perguntas. A gente teve que achar, dentro daquelas entrevistas, que a gente não fez, alguma coisa que entraria para o nosso tema. (Trecho de entrevista, realizada por mim, com Caroline, grifos meus)

Eu acho que foi a primeira vez, assim, que eu realmente analisei dados. De verdade, foi a primeira experiência assim. Porque até então, eu não tinha feito nada disso. A gente faz assim, trabalho de final de semestre e tal, mas é muito diferente, sabe? É muito diferente. O **nível de aprofundamento que você precisa ter, até porque é uma coisa que a gente tá produzindo**, né? (Trecho de entrevista, realizada por mim, com Laura, grifos meus)

Não ter ido a Recife, ainda, trouxe dificuldade para a elaboração do roteiro, mas as ajudou a se preparar para a viagem de campo. Analisaram as entrevistas, procurando o que fazia sentido entrar em seus episódios e nisso conseguiram encontrar os temas que queriam pesquisar. Como disse Kurrle, “O processo de desenvolvimento de um podcast é um exercício de estudo, pesquisa e aproximação com a produção e prática antropológica.” (2021, p. 19). Ou seja, a produção da série impactou em suas produções de pesquisa, fez parte de suas formações enquanto cientistas.

²² Ouça em: <<https://mundareu.labjor.unicamp.br/6-o-que-seria-uma-ciencia-responsavel/>>. Acesso em: 17 ago, 2024

Por outro lado, a Irene do Planalto tinha ainda menos familiaridade com esses dados, pois não fazia parte do grupo de pesquisa. Então, ela foi aprendendo sobre a epidemia do Zika, enquanto ajudava na produção dos episódios. Nesse sentido, o trabalho coletivo foi de extrema importância para a construção deste produto, elas criaram um espaço onde todas se sentiam confortáveis o suficiente para ter dúvidas, perguntar e pedir ajuda. Aqui exponho um trecho que ilustra essas particularidades da produção:

A série do Zika é, eu acho que teve **vários desafios** assim, né? Tipo, do **tema que era um tema que eu não conhecia**, então eu fui aprendendo tudo enquanto tava rolando ali, né? Então, isso já foi um primeiro desafio que, nossa, meu cérebro tinha que ficar muito atento naquelas reuniões que a gente ia, né? Cada palavra, eu ficava, entendi ou será que eu não sei o que quer dizer? Daí, **eu tinha que ter a coragem também de ficar perguntando tudo** e tal, né? Mas eu **também me sentia bem à vontade com todo mundo, então foi tranquilo**. (Trecho de entrevista, realizada por mim, com Irene, grifos meus)

Foi nessas reuniões que a série tomou forma. Semanalmente, líamos pelo menos um roteiro e escutávamos os episódios à medida que ficavam prontos. Dessa forma, mesmo que cada integrante estivesse encarregada de escrever apenas um roteiro, todos foram construídos de maneira conjunta. Como tudo foi criado de maneira coletiva, foi criado um espaço em que as integrantes se sentiam confortáveis para ter dúvidas e as vozes de todas eram ouvidas.

2.3 O Feminismo

A epidemia do Zika foi muito marcada pelas mulheres. Por mulheres majoritariamente negras, pobres e das periferias do nordeste brasileiro as principais cuidadoras daquelas crianças (Diniz, 2016, p.1). O vírus pode ser transmitido da mãe para a criança durante a gravidez, ou seja, transmitido verticalmente, o que gerou medo em muitas mulheres brasileiras em idade reprodutiva e/ou que estavam grávidas na época. E quando as mães descobriam que suas crianças haviam sido acometidas com a síndrome, tinham que aprender a lidar com as necessidades que elas demandavam. Acompanhavam suas crianças em consultas e faziam sua ciência em casa, como afirma Débora Diniz em seu texto Zika e Mulheres: “Por outro lado, fazem sua própria ciência da observação doméstica – descrevem os sinais permanentes da irritabilidade (“a cada dez minutos de sono, ela chora uma hora”) e dão detalhes das dificuldades de alimentação ou mobilidade das crianças.” (Diniz, 2016, p.2).

Quando as pesquisas sobre a epidemia começaram, era com as mães que as cientistas lidavam, já que, além de serem crianças muito pequenas, elas possuíam, em sua maioria, múltiplas deficiências, e dessa forma não conseguiam consentir a participação nas pesquisas. Não somente as mães foram grandes atrizes dessa epidemia e caracterizavam uma epidemia de grandes repercussões para mulheres, como também, muitas pesquisadoras que estavam fazendo ciência dentro dos hospitais, clínicas e instituições de ensino eram mulheres e protagonizaram a resposta científica à epidemia. Essas cientistas, muitas vezes, tinham que cumprir múltiplas jornadas de trabalho, atuando tanto em pesquisas e atendimentos clínicos, quanto em suas próprias casas enquanto mães e esposas. No segundo episódio da série, “Cuidado é substantivo feminino”²³, Caroline Franklin explicou sobre o trabalho dessas cientistas:

Caroline: O que eu quero te contar hoje é que, na nossa pesquisa em Recife, as cientistas que entrevistamos eram quase todas mulheres. E isso não foi por coincidência, sabe. O cuidado dessas crianças, no dia a dia, foi feito pelas mulheres, sejam mães, irmãs, avós. E o cuidado oferecido pela ciência, de dentro dos laboratórios, hospitais e universidades, também foi feito por mulheres, nutricionistas, terapeutas, enfim, outras profissionais de saúde, como a Isis e tantas outras interlocutoras nossas. (Trecho do roteiro transcrito do episódio 2)

Ao longo do episódio, Caroline explicou que as cientistas mulheres acabaram escolhendo seus temas de pesquisa de acordo com as suas vivências. Algumas eram mães e engravidaram durante a epidemia, sabiam o medo que as mães de micro sentiam e queriam ajudar com o que podiam. Além do que, quiseram retornar os dados e resultados para as mães e para as crianças. Elas perceberam que as crianças estavam o tempo todo sendo estudadas, mas nem todos se preocupavam em encaminhar retornos para estas cuidadoras, isso começou a afastar as mães das pesquisas.

Caroline: A Ana Paula, a Tereza e a Labibe, contaram que as mães, aos poucos, foram se sentindo usadas por vários projetos de pesquisa que chegaram ali no Recife. Algumas reclamavam, por exemplo, da falta de resultados e aí, por conta disso, foram se afastando, foram se recusando mesmo a levar os filhos para participar das pesquisas. Muitos cientistas queriam entrevistar elas, estudar seus filhos, fazer exame com eles, mas poucos se preocupavam com uma devolutiva pras mães. Não tinha mais vantagem em consentir com pesquisas

²³ Ouça em: <<https://mundareu.labjor.unicamp.br/2-cuidado-e-substantivo-feminino/>>. Acesso em: 17 ago, 2024

feitas com suas crianças, sabe? Com isso, as cientistas foram percebendo que a ciência também pode reforçar e produzir desigualdade e, então, precisaram negociar com as interlocutoras, as mães, né? As expectativas sobre o desenho das pesquisas. E, aí, nesse movimento, elas foram mudando suas práticas científicas. (Trecho do roteiro transcrito do episódio 2)

A ciência feita por essas mulheres, durante as pesquisas na epidemia de Zika, foi muito atravessada pelo feminismo. Foi a partir daí que começaram a pensar na pesquisa para dentro, com as mães e as crianças no centro, através de uma ciência feminista e responsável. Caroline fala sobre isso ao final do seu episódio:

Caroline: Exatamente. Deixa eu comentar com você uma última coisa importante. Nossas entrevistadas contaram que chegaram ao feminismo de modos diferentes. Tem algumas que chegaram pela própria história de vida, como... uma “feminista orgânica” e que estava sempre lutando pelos direitos das mulheres. Tem outras que só quando entraram na universidade tiveram acesso a literatura feminista. E também tem as que nem sequer chegaram a comentar sobre feminismo mas que fazem ciência através de um olhar feminista. (...) **Caroline:** E muitas explicaram que foram atravessadas por inquietações feministas durante **essa epidemia do vírus Zika**, vendo de perto o sofrimento das mães e suas crianças, conhecendo de perto como elas se organizaram para lutar pelos seus filhos, através de associações, de grupos de apoio e da própria rede de amizade e confiança que as mães criaram entre si também. (Trecho do roteiro transcrito do episódio 2)

No episódio 6, “O que seria uma ciência responsável?”²⁴, Mariana Petruceli contou de sua pesquisa, ela focou em um grupo de pesquisadoras do Zika e investigou as responsabilidades que elas assumiram naquele período. No episódio, ela traz a pesquisadora estadunidense Donna Haraway e menciona seu artigo “Saberes localizados” (1995). Haraway sugere que uma ciência responsável parte de uma reflexão sobre os marcadores sociais que atravessam essas cientistas. As pessoas afetadas pelo Zika eram em sua maioria da periferia, que antes mesmo da epidemia, já sofriam com outras doenças, falta de saneamento e com a ausência do Estado. Mariana mostra como suas interlocutoras escutavam as mães e tentavam tornar a pesquisa mais acessível para elas, se responsabilizando pelo cuidado daquelas crianças. Bernadete Perez é professora do departamento de Medicina Social da Universidade de Pernambuco (UPE) e foi entrevistada em maio de 2022 em sua sala no Departamento de

²⁴ Ouça em: < <https://mundareu.labjor.unicamp.br/6-o-que-seria-uma-ciencia-responsavel/>>. Acesso em: 17 ago, 2024

Medicina Social da UPE pela Mariana e pela Thais Valim. Mariana escolheu um trecho desta entrevista para inserir no seu episódio da série. E comentou em seguida:

Bernadete Perez: E, num terceiro eixo, talvez a área que eu mais me inscrevo, né, mas assim, um terceiro eixo, que foi um eixo de redes integradas de atenção, de política de saúde.

Mariana: E esse terceiro eixo, das redes integradas, era uma tentativa de criar uma rede de atenção à saúde mais conectada, porque as mães reclamavam que os atendimentos eram muito espalhados pela cidade, elas precisavam rodar a cidade inteira pra encontrar diferentes profissionais da saúde. Por isso, esse esforço da Bernadete em juntar várias especialidades num único lugar. (Trecho do roteiro transcrito episódio 6)

Essa ideia de rede está muito presente nas Ciências do Zika, tanto nas equipes que construíram as pesquisas, quanto com as mães de micro. As mães se organizaram, criaram uma rede de apoio e formaram associações comunitárias (Lustosa, 2020, p.45). E as pesquisas foram feitas em grupos, que escreveram e publicaram de maneira coletiva. Essa é uma forma de fazer ciência que eu considero bastante feminista, a ideia de acolher e trocar práticas. Foram redes que fizeram as ciências do Zika acontecerem e acolhem essas mães e suas crianças. O posicionamento crítico que Donna Haraway nos ajuda a pensar aqui:

O feminismo tem a ver com as ciências dos sujeitos múltiplos com (pelo menos) visão dupla. O feminismo tem a ver com uma visão crítica, conseqüente com um posicionamento crítico num espaço social não homogêneo e marcado pelo gênero. (Haraway, 1995, p.31)

Essa ideia de rede também está presente na equipe da série Ciências do Zika. Todas da equipe estavam em momentos diferentes de formação. Todas as vozes foram ouvidas e conseguiram construir um ambiente em que se sentiam confortáveis para pedir ajuda quando precisassem. O fato do grupo ser formado por mulheres trazia essa sensação de acolhimento e liberdade, onde elas podiam contar umas às outras para se apoiarem durante os trabalhos, se incentivarem e se ajudarem. Volto às minhas entrevistas com a equipe:

Mas já era **esse lugar, também, até de acolhimento** mesmo, pra **gente debater várias questões**, tipo assim, tá mais entre mulheres também, que sempre foi uma coisa boa. O do zika, eu falava “realmente gente”, todas nós acho que somos feministas, tem todo esse lado muito forte assim da pesquisa da Soraya e tal. (Trecho de entrevista, realizada por mim, com a Irene, grifos meus)

Porque eu acho que a gente produzindo juntas normalmente somos maioria mulher e eu tenho um pouco mais... Eu sinto um pouco mais de liberdade pra a gente poder fazer as coisas, trabalhar, enfim, e eu não sei. Eu **sempre duvidei muito do que eu conseguiria fazer ou não. Eu tinha muito medo de fazer as coisas** e de não dar certo, então eu já deixei de fazer muita coisa. (Trecho de entrevista, realizada por mim, com Laura, grifos meus)

Além de serem todas mulheres, todas as pesquisadoras-produtoras se declararam como feministas, esse posicionamento transpareceu no jeito como elas realizaram a pesquisa e de como fizeram essa série de podcast. Além de realizarem a pesquisa juntas, o grupo faz um trabalho bem coletivo. Muitas coisas são escritas em co-autoria, apresentam juntas em congressos e leem seus rascunhos. Assim, compartilham os seus conhecimentos, é realmente uma troca de saberes. E é isto também que as aproxima, estão neste grupo, porque acreditam em uma ciência feminista, uma ciência posicionada. Uma ciência feita através de um posicionamento feminista perspectivista (*“feminist standpoint”*), defendido por Sandra Harding, um saber fundamentado pelo ponto de vista das mulheres (Harding. 1986 *apud* Sardenberg, 2002. p. 14)

Bom, eu acho que o feminismo não é nem o meu posicionamento feminista, mas o **feminismo me colocou em um ciclo de mulheres feministas**, né? Eu acredito que toda minha equipe, acho que se autodeclarou como feminista e eu vejo o **feminismo impactando esse trabalho coletivo mesmo** porque eu acho que quando você se posiciona no mundo a partir de determinados marcadores sociais que produzem diferença que são o tempo inteiro remarcados na nossa vida, **a gente já olha para o mundo de outra maneira** assim, né? (Trecho de entrevista, realizada por mim, com Thais, grifos meus)

Eu acho que a **crítica feminista à ciência, me ajudou muito até entender o que eu já sentia um pouco**. Mas a maior discussão é essa de a gente entender o lugar de quem tá produzindo a ciência, quem tá pesquisando por trás, quem é aquela pessoa. (Trecho de entrevista realizada por mim, com Mariana, grifos meus)

Nesse sentido, o feminismo torna a pesquisa um lugar menos solitário. Essa coletividade pode ser muito motivadora. Essa rede de acolhimento criada dentro da equipe acaba encorajando os trabalhos. Esse depoimento da Laura ilustra isso:

É, eu assim, eu acho até que o feminismo acadêmico, não sei esse feminismo assim que que a gente vive, né? Principalmente com a Soraya. Por a Soraya ser feminista e **impulsionar muito a gente, né?**

Eu sinto que nesse sentido, assim, o feminismo me salvou, sabe?
Dentro da academia, no geral, dentro da universidade, da graduação.
(Trecho de entrevista, realizada por mim, com Laura, grifos meus)

Termino o capítulo considerando os aprendizados desta equipe para a mídia de podcast como um jeito de desenvolver novas habilidades, inclusive para suas pesquisas. A produção da série as ajudou a ter uma sensibilidade maior com os dados, aprimorando o ouvir, que é um dos apoios da pesquisa antropológica (Cardoso de Oliveira, 1996, p. 18). Além disso, com a série puderam compartilhar a forma que fazem pesquisa, divulgando uma ciência com inspiração feminista.

CAPÍTULO 3

De Lua em Lua

3.1 Os ciclos

Luna Beatriz: Olá! Eu sou a Luna Beatriz. Tenho 17 anos, nasci em Brasília, sou sagitariana e amo criar. Sou completamente apaixonada por arte de todas as formas, seja cantando, escrevendo, desenhando, pintando, produzindo, dançando ou atuando. Sou literalmente faminta por coisas que envolvam o intelecto, gosto de aprender, conversar e conhecer coisas novas.

Rayssa Parros: Eu sou a Rayssa Baptista Parros. Estou no 2º ano do ensino médio, minha matéria favorita é biologia e história. Gosto muito de ouvir músicas, conversar, ir a academia e estar com minha família. Meu sonho é me formar e viajar o mundo.

Thais Bezerra: E eu sou a Thaís Bezerra Novais. Estou cursando o 3º ano do Ensino Médio. Me interessa bastante por ciências sociais e humanas, e no meu tempo livre gosto de ler, ouvir música e escrever poemas.

Rayssa Parros: Nós somos as apresentadoras do podcast De Lua em Lua, e estamos juntas com você durante sete ciclos, conversando sobre menstruação e adolescência. Nestes ciclos, vamos ouvir a voz de muitas pessoas diferentes contando histórias que são bem comuns. Você vai conhecer pessoas que fazem parte de um lugar central na vida de nós, adolescentes: a escola. São estudantes e professores que vão contar pra gente o que sentem, pensam e fazem com relação à menstruação no ambiente escolar. Além disso, você também vai conhecer outras pessoas que vão enriquecer nosso conhecimento sobre o que é e o que pode ser menstruar. São pessoas com experiências diversas que vão abrir nossas mentes e nossos corações. Afinal, é só com o conhecimento que podemos alcançar uma vida digna. E menstruar faz parte da vida.

[música com voz feminina:

Meu corpo fala, sua mente atrapalha.

Sei que você já se decidiu!

Mas se talvez você me deixasse entrar...]

Esse é um trecho do roteiro do primeiro episódio, ou como a equipe preferiu chamar, primeiro ciclo da série De Lua em Lua, “Os vazamentos”, que está disponível na página da série²⁵, junto com outros materiais extras. A série, assim como a Ciências do Zika, está vinculada ao podcast Mundaréu, mas a organização do trabalho foi outra. É produto de um projeto de iniciação científica, que concede bolsas para estudantes do ensino médio, o PIBIC-EM. A série foi um dos principais produtos do projeto de pesquisa “Menstruação e Antropologia: Multiplicando possibilidades para alcançar dignidade” foi realizado pelo Laboratório de estudos socioantropológicos sobre tecnologias da vida, o “Labirinto”, que é um dos núcleos de pesquisa vinculados ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor/Unicamp). O projeto tem parceria com o “Olhos no Futuro”, um projeto da Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação da Unicamp (FEEC/Unicamp).

A equipe do projeto “Menstruação e Antropologia” é composta pelas três bolsistas do PIBIC, Rayssa Parros, Thais Bezerra e Luna Beatriz, todas estudantes do ensino médio de diferentes escolas públicas de Campinas. Trabalharam juntamente com as monitoras do projeto, Clarissa Reche e Naedja Vieira. Na época as duas eram doutorandas em Ciências Sociais pela Unicamp e estavam realizando pesquisas sobre o tema da menstruação. O projeto foi coordenado por Daniela Manica, antropóloga e pesquisadora da Unicamp vinculada ao LABJOR. Além disso, a série contou com o apoio da equipe do Mundaréu, do qual Daniela é uma das coordenadoras. Pude conversar com todas estas integrantes sobre a produção da série.

Aproveitei para conversar presencialmente com a Clarissa Reche e a Daniela Manica durante o X Simpósio Esocite na Universidade Federal de Alagoas (UFAL)²⁶. E depois, conversei com as outras quatro participantes remotamente, já que viviam todas em Campinas. Mandeí áudios com perguntas pelo Whatsapp e elas responderam também em áudio, pelo mesmo aplicativo. Como Rayssa, Thaís e Luna eram, à época, menores de idade, foi importante contar com o consentimento de seus responsáveis e o assentimento das próprias adolescentes. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas por mim com a ajuda dos softwares de transcrição, *Transcriptor* e *Pinpoint*.

Naedja Vieira pesquisava em seu doutorado sobre menstruação e adolescência. Com esse projeto, viu a oportunidade de usar uma plataforma para levar seus conhecimentos para

²⁵ Disponível em: <<https://mundareu.labjor.unicamp.br/series/de-lua-em-lua/>> . Acesso em: 17 ago, 2024

²⁶ 10ª edição do Simpósio Nacional de Ciência, Tecnologia e Sociedade. O evento foi realizado entre os dias 25 e 27 de outubro de 2027 na Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

fora da academia. A extensão universitária existe justamente para levar e produzir ciência com a comunidade externa. Com o podcast, viram um jeito de traduzir suas pesquisas, para que chegassem nas escolas de maneira mais clara:

Surgiram **inúmeras curiosidades sobre como as adolescentes estão menstruando no Brasil**. A partir disso desenvolvi a pesquisa, comecei a elaborar projeto e quando eu ingressei no doutorado surgiu esse momento, essa oportunidade junto com a Daniela e a Clarissa de desenvolver esse projeto de extensão, né? (Trecho de entrevista, realizada por mim, com Naedja, grifos meus)

Foi levantada a possibilidade de realizarmos esse podcast sobre o projeto de extensão e todos concordaram. Eu achei muito interessante, porque é uma possibilidade de desenvolver outros métodos e propagar a pesquisa, né? De **uma forma mais clara, mais rápida**. (Trecho de entrevista, realizada por mim, com Naedja, grifos meus)

O objetivo principal da pesquisa do PIBIC-EM foi investigar se e como os saberes antropológicos sobre menstruação podem contribuir com avanços em favor de uma maior dignidade menstrual. Para isso, as bolsistas leram e ficharam textos sobre menstruação e Antropologia. Além dos fichamentos tradicionais, faziam o que chamaram de “fichamentos artísticos”. Tinham como tarefa criar poesias, músicas e artes gráficas sobre os textos que liam. Inclusive, a música da série, “De dentro pra fora”, foi feita em um desses fichamentos, pela Luna Beatriz. Ainda fizeram pesquisa de campo na escola Telêmaco em Campinas com alunas do ensino fundamental. Buscaram, durante o trabalho de campo, quais conhecimentos estavam sendo passados sobre menstruação para essas estudantes. Foi com esse trabalho que notaram os déficits existentes para que jovens consigam menstruar de maneira digna nas escolas. Surgiram muitas dúvidas dessas estudantes sobre saúde menstrual. A ideia é que esta série pudesse expor as falhas que as escolas têm para permitir a presença e o debate sobre a menstruação e ser uma ferramenta para a solução dessas falhas:

A gente pensou que o podcast seria um meio, uma peça de divulgação científica boa e também que fosse para além da universidade, né? Que a gente pudesse dar um retorno pra, por exemplo, a escola Telêmaco, que foi onde a gente fez trabalho de campo. Onde surgiram muitas dúvidas das alunas sobre questões de menstruação de saúde, saúde sexual e menstrual e educação sexual mesmo. (Trecho de entrevista, realizada por mim, com Thais Bezerra)

Desde o início da pesquisa, já existia a ideia de construir algum material de divulgação científica como um dos resultados finais do projeto. Inicialmente, pensavam em fazer algum material mais visual, uma história em quadrinhos, alguma série de vídeos, por exemplo. Mas, ao final, optaram por fazer o podcast, por ser uma mídia mais acessível de produzir, que não demandaria tanto tempo. E como a Daniela Manica é uma das coordenadoras do Mundaréu e Clarissa Reche faz parte da equipe, ficou ainda mais possível a produção. Além disso, o podcast proporciona espaço para apresentar muitas vozes diferentes. E um dos pontos da série é mostrar como não existe apenas uma única maneira de menstruar. Conseguiram mostrar isso na série com relatos de muitas pessoas com vivências bem diferentes.

A gente poderia fazer um vídeo, né? Mas a gente pensou que a gente não ia ter tempo. E **tinha uma vontade grande de todo mundo de ouvir mais as pessoas**, sabe? Tipo, acabou que as meninas gostaram muito disso assim de ouvir, sabe, conversar, entrevistar. (Trecho de entrevista, realizada por mim, com a Clarissa, grifos meus)

A gente conseguiu uma escola de ensino fundamental para fazer uma oficina, né? Eram 3 dias de oficina com meninas mais novas, mais jovens, né, que era nono ano. E aí a gente queria testar essas hipóteses com elas, né? E uma das hipóteses era que a Antropologia pode ajudar a descobrir que tem **várias formas de menstruar**. Por exemplo, né? Não é só com absorvente, né? Pessoas, por exemplo, as pessoas indígenas menstruam de um jeito, o pessoal de religiões afro menstrua de outro jeito, né? Abrir um pouco a cabeça assim. (Trecho de entrevista, realizada por mim, com Clarissa, grifos meus)

Acho que tem uma coisa também de sobrecarga de trabalho, porque elas estavam fazendo isso junto com o doutorado, junto com as disciplinas, junto com uma série de coisas e bem ou mal a gente viu aqui, né, na ESOCITE. Eu não lembro quem foi que falou [...] que o **podcast acaba sendo mais fácil de fazer** né, do que um produto audiovisual que envolve uma camada extra aí de elaboração de tratamento de trabalho, né? E aí em algum momento elas decidiram isso assim fazer um podcast que pudesse ser um material de divulgação dos resultados da pesquisa, que pudesse ser uma um material de interpelação da escola, né, um material que a gente pudesse levar para as escolas, pra levar essa discussão. (Trecho de entrevista, realizada por mim, com Daniela, grifos meus)

Pelo fato de o projeto do PIBIC-EM ter como principal público adolescentes e nesta faixa etária a menstruação se tratar ainda mais de um tema taxado como tabu, o podcast também foi uma opção mais atrativa. É uma mídia mais fácil de inserir na rotina das escolas, pode ser escutada de maneira coletiva ou individual. Para não causar os constrangimentos que

geralmente esse tema traz, pode ser escutada pelo fone de ouvido. É uma maneira mais íntima de ouvir. Como relatado por Daniela :

É, então eu acho que tem **uma generosidade na mídia assim que me interessa** e tem uma coisa de **intimidade**, né? Que muitos podcasters sabem e falam, porque a maior parte das pessoas, a grande maior parte dos ouvintes, ouvem no fone de ouvido e é uma coisa muito íntima, né? (Trecho de entrevista, realizada por mim, com Daniela, grifos meus)

Logo, optaram pela produção do podcast tanto pela oportunidade de se ouvir mais pessoas, quanto por ser um material que entraria mais facilmente nas escolas. Foi uma boa maneira de conseguir comunicar sobre menstruação para pessoas que estão começando a menstruar.

3.2 A produção dos ciclos

A produção da série também foi feita de uma maneira muito coletiva, como vimos ser o caso do podcast apresentado no capítulo anterior. Cada uma das bolsistas escolheu um episódio para ser responsável e a Clarissa costurou os roteiros. Isso significa que ela montou os episódios, com base nas ideias das bolsistas. Quiseram trazer diversidade em cada episódio e também trazer pessoas da comunidade escolar, como relata Rayssa no trecho abaixo:

Aí, as entrevistas, né? Os materiais que a gente coletou, foi **com pessoas, né, que englobavam em cada episódio e também com cinco pessoas de nossa escola**, que aí seria um professor, algum funcionário, um menino e duas meninas. Aí cada uma de nós, né? Realizou em cada escola, que estuda e também a gente fez entrevista com com essas **outras pessoas diversas**, né? Que foi uma entrevista muito legal, coletamos, assim, dados muito preciosos. (Trecho de entrevista, realizada por mim, com Rayssa Parros, grifos meus)

Além dos sete episódios, a série também conta com um trailer de lançamento. Escolheram chamar os episódios de ciclos, associando com o tema da menstruação. Os ciclos têm em média 15 minutos, o que é um bom tempo para prender a atenção de adolescentes. A série foi publicada no dia 22 de maio, com publicação diária. Esta data foi escolhida propositalmente, para encerrar no dia 28 de maio, dia internacional da dignidade menstrual. Essa data existe com o objetivo de discutir e combater a pobreza menstrual. A pobreza menstrual se caracteriza pelos desafios de acesso à saúde, enfrentados por pessoas que menstruam (UNFPA, UNICEF, 2021, p. 4).

O tema geral da série é menstruação e adolescência. Em cada ciclo é abordado um sentimento que remete a menstruação: “Os vazamentos”, “As manchas”, “As vergonhas”, “Os nojos”, “As dores”, “Os desconfortos” e os “Os renascimentos”. Diferentemente da série Ciências do Zika, as entrevistas aqui já foram feitas para o podcast. Então, a publicação das vozes, das interlocutoras, já havia sido pactuada desde o início. E o cuidado com a gravação foi maior. O trailer de lançamento é apresentado por Clarissa Reche, ela faz a ouvinte refletir como sempre tem uma pessoa menstruando perto de nós, mas que ainda assim é um tema silenciado. Então, ela nos convida a quebrar esse silêncio durante os setes ciclos.

Em termos de estrutura escolhida para a série, as bolsistas se revezaram, em cada episódio, como apresentadoras e, ao longo dos mesmos, nos convidam a escutar relatos de diversas pessoas, inclusive, mais de uma por episódio. Cada episódio começa com um relato em primeira pessoa, como o da professora Joyce Ridolfi, no segundo ciclo, “As manchas”²⁷:

Joyce Ridolfi: Uma história marcante foi que eu me lembro de estar na sala de aula na oitava série e sangrar tanto que manchou a carteira, a cadeira né? e eu sentia vergonha de sair da sala. E o banheiro era longe da sala de aula. Tinha um corredor imenso pra chegar até ele e foi muito difícil esconder aquilo no frio, tirar o agasalho por blusa na cintura e não tinha telefone pra pedir que levasse uma roupa pra eu trocar. Então eu fiquei a manhã toda com a calça manchada e sentindo cólica, sentindo dor. (Trecho do roteiro transcrito do episódio 2)

Em seguida, a apresentadora amarra a fala com o sentimento trazido no ciclo, nesse caso o medo, depois são apresentadas mais vozes, que ressaltam a presença desse sentimento, principalmente em ambiente escolar. Como no trecho abaixo, do mesmo episódio, em que Rayssa menciona o medo de menstruar na escola e traz um relato da estudante de ensino médio Brenda Cavalcante:

Rayssa Parros: Olá, meu nome é Rayssa e esse é o De lua em Lua, um podcast sobre menstruação e adolescência. Neste segundo ciclo, vamos falar sobre nossos medos de menstruar na escola. Por exemplo, temos um medo constante de vazar algo de nossos corpos, de mancharmos as nossas roupas ou a cadeira, ou do absorvente ficar marcado na calça. (...) (Trecho do roteiro transcrito do episódio 2)

Brenda Cavalcante: Menstruar na escola também né, ir pra escola menstruada é uma coisa muito... que gera muito incômodo porque

²⁷ Ouça em: < <https://mundareu.labjor.unicamp.br/ciclo-2-as-manchas/> >. Acesso em: 17 ago, 2024.

you have to be worried every hour if you are staining or not, if you are leaking or not...

Rayssa Parros: A Brenda também nos contou que sempre foi bem informada sobre menstruação pela sua mãe e pela sua avó, mas mesmo assim ela fica preocupada com vazar e manchar. Mas ela acredita que se a gente falar mais sobre isso, um dia vamos conseguir entender que isso é uma coisa normal.

Brenda Cavalcante: ... mas uma coisa que eu queria ter escutado antes, é que não tinha problema, meu absorvente vazar e a cadeira da escola sujar sem querer. É, que era uma coisa normal e que era só eu pegar um paninho, ou um papel higiênico, uma água, ou um álcool, passar ali e limpar. Ou avisar alguma amiga pra me ajudar a limpar e que estava tudo bem, que eu não precisava ter vergonha. E que isso acontece com todas nós mulheres. Um dia vai acontecer, acaba vazando sem querer. (Trecho do roteiro transcrito do episódio 2)

Ao final de cada ciclo, Naedja apresenta o quadro apelidado de “Vazando conhecimentos”. No quadro ela dá sugestões para a comunidade escolar de como melhorar os problemas apresentados no episódio. Como, por exemplo, criar um cantinho da menstruação dentro das escolas, como ela sugeriu no final do episódio:

Naedja Vieira: Então gente, sabemos que a mancha do sangue menstrual é inevitável, especialmente na adolescência, esse momento de aprendizagem e compreensão sobre o corpo... ela vai estar lá! e o que podemos fazer é buscar acolhimento nesse momento. Então perguntamos: como a comunidade escolar pode ajudar neste **acolhimento**? Vamos começar pelo óbvio: garantir banheiros limpos com água, sabonete, papel e absorventes disponíveis. Mas já pensou ter um “cantinho menstrual” ou um lugar para a menstruação, um lugar mais especial, um espaço dedicado exclusivamente para este assunto? Pode ser um armário em alguma sala acessível aos estudantes, por exemplo. Este cantinho poderia abrigar peças de vestuário sempre limpas e disponíveis para troca nessas situações de emergência, além de materiais diversos sobre menstruação. Quem sabe assim, integrada no espaço escolar, a menstruação possa ser acolhida como merece. (Trecho do roteiro transcrito do episódio 2, grifos meus)

3.3 A série

Segundo o que foi notado na série, as escolas nem sempre oferecem o acolhimento necessário para as pessoas que menstruam. Também aprendi que estas estudantes corriqueiramente não encontravam espaço para conversar sobre a menstruação. Muitas vezes

até não possuem informações básicas sobre o que é menstruar. Partindo do que ouviram nas conversas que tiveram em campo, as pesquisadoras decidiram usar os sentimentos nos roteiros. Perceberam o quanto as emoções estavam presentes nas falas de suas interlocutoras e decidiram levar isso para a série:

Então, com tudo que a gente fez, a gente começou a pensar nos resultados. E aí a gente acabou chegando numa conclusão de que os **sentimentos que a menstruação gera, é a raiz de tudo**. Então, a gente começou a basear os episódios em situações e principalmente sentimentos que acontecem quando a gente tá menstruada. (Trecho de entrevista com Luna Beatriz, grifos meus)

Durante os ciclos, elas trazem relatos de professoras, estudantes, pessoas que já passaram por situação de rua, por pobreza menstrual etc. Também trouxeram relatos de pessoas que não menstruam, como um pai viúvo de uma adolescente, um colega de classe, entre outros. Com essas muitas vozes mostram como não existe um único jeito de menstruar e como a menstruação afeta até quem não menstrua.

A pesquisa de campo em Antropologia, ela é muito interessante, porque ela vai nos mostrando, né? Aquilo que a gente não consegue enxergar, a princípio, e no diálogo do cotidiano com os nossos interlocutores, com as pessoas que estão participando da pesquisa. Elas vão trazendo aquilo que é preciso ser abordado. Então os temas, eles surgiram nesse momento, enquanto a gente estava na escola Telêmaco, quando foram feitas as entrevistas no pátio da própria Unicamp e com tanto com alunos, quanto funcionários. E isso foi surgindo as carências, as necessidades e os temas a serem desenvolvidos. A partir daí a gente pensou nas possibilidades de observar como as **emoções pautavam muito dessa perspectiva sobre a menstruação**. Então, foi nesse direcionamento que fomos dando a organização temática e a própria organização do podcast. (Trecho de entrevista com Naedja Vieira, grifos meus)

Dor, tristeza, medo, vergonha, culpa e nojo são alguns dos sentimentos presentes nos episódios da série. Esses sentimentos aparecem nas falas de estudantes, professoras, pesquisadoras e outras convidadas. No quarto ciclo, “Os Nojos”²⁸, por exemplo, escutamos Art, uma estudante de ensino médio convidada do episódio, falando como a menstruação traz um sentimento de vergonha para ela.

²⁸ Ouça em: <<https://mundareu.labor.unicamp.br/ciclo-4-os-nojos/>>. Acesso em: 17 ago, 2024.

ART: Um sentimento (que a palavra “menstruação” causa) meio que de vergonha, que mesmo que eu saiba que é algo natural, que é normal, é uma palavra que... eu sinto uma vergonha de escutar alguém falando em voz alta como se fosse algo errado, sendo que eu sei que não é, e talvez seja por algum motivo que eu não sei. (Trecho do roteiro transcrito do episódio 4)

Durante o mesmo episódio é mostrado que não é em todos os espaços que a menstruação é vista como algo vergonhoso. Trouxeram o relato de Shayla Santarém, uma religiosa da Umbanda. Ela conta como sempre precisava avisar quando estava menstruada para os médiuns do centro, pois menstruada não podia ir ao centro. A menstruação nesse contexto pode ser considerada uma fonte de poder feminino (França, 2022, p.23), já que seu corpo está emanando energia. Aqui sua menstruação não precisava ser escondida e sim comunicada:

Shayla Santarém: Para o, a umbanda, a mulher quando está menstruada, ela tá com o chakra aberto. Então não é bom, não é interessante e, é, não é positivo que ela vá para o centro nesse dia. Por, pela troca de energia que existe na religião. Eu sempre entendi que, que havia na verdade um preconceito com a mulher quando ela está menstruada. Por quê? Porque em muitos lugares as pessoas enxergam como está limpando o corpo. Então é um sangue sujo. Né? Pra religião, pra umbanda não é assim que acontece, é mais pra proteção da médium mesmo. Porque como ela, como existe uma troca de energia muito grande, ela está com aquele chakra aberto, realmente limpando o corpo dela, pode ser que aconteça o que a, o trabalho não seja o mesmo, pode ser que ela carregue alguma energia pesada. A troca de energia pode prejudicar ela. **Ou seja, uma vez por mês eu avisava lá que eu estava menstruada, então toda a corrente sabia, todo mundo, todos os médiuns do centro sabia que eu estava menstruada porque eu tinha que avisar que eu estava e que eu não podia participar da sessão naquele dia.** E eu sempre respeitei e nunca participei. Não sei o que pode acontecer. Se... se eu participasse porque eu realmente sempre respeitei eu nunca participei. (Trecho do roteiro transcrito do episódio 4, grifos meus)

A série é bastante polifônica, o que ressalta a diversidade menstrual. Tanto com relações mais saudáveis com a menstruação, como violentas. No ciclo 2, “As Manchas”, uma das vozes que escutamos é a de Luiza, uma mulher que já viveu em situação de rua e é sobrevivente do cárcere. Ela relata que como era horrível menstruar na rua e como se sentia desconfortável:

Luiza: Ah, era uma situação desagradável, né moça? Porque eh... eu lembro que teve um dia que eu fiquei menstruada e que eu não tinha nem um real no bolso. E aí eu comecei a pedir pras pessoas mesmo que usava droga comigo, um real, né? Pra mim comprar um absorvente e pagar um motel pra mim tomar banho, então era uma situação muito **desconfortável** mesmo, tá morando na rua, **se sentir suja, é... o cheiro da menstruação em si né, e era uma coisa assim horrível mesmo**, assim pra... pra te dizer a verdade é **uma experiência assim, que eu não pretendo mais passar.**

Luiza: Então, eu acho que sendo uma sobrevivente do cárcere, né? Do sistema prisional, carcerário, eu encontrei muita dificuldade, porque no sistema você ganha um, um pacotinho de absorvente com oito e quatro papel higiênico pra você passar um mês. E eh... eu acho que foi **uma das maiores dificuldade**, porque e oito absorventes eu troco três vezes ao dia né? Ou às vezes até quatro e oito absorvente nem dá, então eu tinha que fazer muito corre né? (Trecho do roteiro transcrito do episódio 2, grifos meus)

A falta de acesso ao básico, um absorvente ou mesmo papel higiênico é algo muito violento. A dignidade menstrual pode ser entendida como um direito à saúde, já que com condições mínimas de higiene menstrual, pode se evitar doenças (Azevedo, 2021, p.17). Muitas vezes, nem nas escolas as adolescentes são proporcionadas com essas condições. Não recebem o acolhimento necessário para lidar com os vazamentos, por exemplo. É preciso ter uma mínima estrutura para que elas consigam trocar de roupa se preciso, que haja acesso a absorventes na escola. E que as professoras sejam compreensivas para não ser um desconforto estar na escola menstruada.

Segundo dados apresentados no relatório de pobreza menstrual no Brasil, cerca de 321 mil alunas, 3,0% do total de meninas estudantes brasileiras, estudam em escolas que não possuem banheiro em condições de uso (UNFPA, UNICEF, 2021). Essa estatística é entristecedora. A escola deve ser um lugar de cuidado e segurança para as jovens, saber que elas não têm acesso ao básico é algo que considero revoltante. Por isso a importância de falar sobre menstruação. Quanto mais informações sobre o tema, mais as jovens têm poder sobre o assunto e consequentemente sobre seus próprios corpos. Então, “raiva”, “revolta” ou “tristeza” são todos sentimentos que eu tive ao ouvir a série, mas que não chegaram a intitular um episódio especificamente, embora estivesse presente nos debates de muitos deles.

O sétimo e último ciclo, “Os Renascimentos”²⁹, segue um padrão diferente dos outros seis. Ele acontece como “jornada de renascimento e conexão com nossos corpos”. Esse passeio tem sete paradas e em cada uma delas um relato que já apareceu nos ciclos anteriores. Ao final, ouvimos novamente as vozes das três jovens pesquisadoras do PIBIC-EM lendo poesias sobre menstruação. O episódio costura bem tudo que foi explicado anteriormente na série. Tem um tom mais leve, é um episódio mais calmo. A música que acompanha é mais lenta, relaxante. A série finaliza mostrando o que foi aprendido sobre dignidade menstrual nessa jornada.

3.4 “De lua em lua”, uma ação feminista

A série foi feita por adolescentes e para adolescentes, pelo que foi explicado no seu trailer bem como na sua respectiva página eletrônica. A expectativa é que os sete ciclos entrem nas escolas e cheguem aos ouvidos da comunidade escolar. Que não corra apenas entre adolescentes que estão começando a menstruar, mas que seja debatida também pelas professoras, colegas e familiares que não menstruam. Espera-se que seja um auxílio para a comunidade escolar conseguir introduzir o assunto da menstruação. E que com esse debate correndo possam ter experiências melhores, menos solitárias e menos traumáticas no futuro. Quando entrevistei Daniela, a série ainda não tinha ido ao ar, mas ela já tinha muitas aspirações para a mesma:

Então foi assim que acabou chegando no De lua em lua a gente ainda não publicou, a gente ainda não sabe como vai ser, mas eu entendo que é um tipo de conteúdo de material que pode ser muito replicado dentro das escolas, pode ter muita muito impacto social também, né? Nesse sentido também de **ajudar as meninas as jovens mulheres que estão menstruando** a lidar de uma forma melhor com as suas experiências de menstruação. Porque **isso é uma ação feminista**, né? (Trecho de entrevista com Daniela Manica, grifos meus)

É uma ação feminista porque segue o diálogo proposto pela pedagogia feminista, propondo que se ouça múltiplas vozes (Lopes, 2003, p.113). O podcast vem para acolher as jovens que estão começando a menstruar e mostrar como a menstruação não precisa ser algo negativo. Como disse Clarissa no trecho abaixo, redes feministas cuidam e ajudam. O De lua em lua foi feito por uma rede de mulheres, que queriam falar sobre menstruação, ajudar e acolher outras mulheres e pessoas que menstruam. Para que com a didática do podcast todas possam ter uma experiências melhores com suas menstruações.

²⁹ Ouça em: <<https://mundareu.labor.unicamp.br/ciclo-7-os-renascimentos/>>. Acesso em: 17 ago, 2024

Que que seria uma rede feminista de podcast, né? Que que poderia fazer uma rede feminista de podcast? **Que que essas as redes feministas fazem, né? Elas cuidam, né? Elas cuidam, elas suportam, elas apoiam** elas, tipo, é. As redes feministas, geralmente, são baseadas no amor, né? Que é você querer ver outra pessoa subir assim, né? E está ali junto quando não tiver, então, talvez uma rede feminista de podcasts poderia ser isso assim, né? Uma coisa de cuidar e se ajudar, né? (Trecho de entrevista com Clarissa Reche, grifos meus)

É de extrema importância que exista um diálogo sobre a menstruação. Conversar sobre ciclo menstrual com adolescentes garante autonomia para elas. É importante que elas entendam o que acontece com seus corpos. Para que todos os sentimentos negativos que vêm à cabeça quando se fala em menstruação possam ser superados e transformados em sentimentos positivos. Esse conhecimento é uma forma de empoderar as jovens, como mostrado no relatório de pobreza menstrual da UNICEF:

A educação integral em sexualidade, incluindo a educação menstrual, deve ser mais amplamente difundida, não apenas com o enfoque para prevenção à gravidez não intencional, mas também como uma ferramenta para que as pessoas que menstruam conheçam seus próprios corpos, conheçam seu ciclo menstrual e haja promoção de bem-estar. Esse conhecimento deve levar a superar mitos de inferioridade feminina que apontam a menstruação como podridão, indignidade ou como falha em produzir uma gravidez. (UNFPA, UNICEF, 2021, p.15)

Esse é um conhecimento que o De Lua em Lua tenta passar através da Antropologia e do podcast. Com os relatos da série e os materiais extras presentes na página, o conhecimento sobre menstruação é amplificado. A expectativa é que esses saberes antropológicos possam chegar aos ouvidos das jovens e da comunidade escolar e assim ajudar a construir uma realidade em que jovens menstruam com maior dignidade.

O podcast assim foi só um uma **conclusão de que sim, os saberes antropológicos podem colaborar com uma dignidade menstrual maior entre as jovens**. Porque pode assim, despertar nelas um anseio de querer mudar sua realidade, né? De querer viver uma realidade diferente, de ter um acesso maior das coisas, de ser um assunto mais falado, né? Um assunto não tão delicado, que as pessoas têm que esconder, ter vergonha. Então, eu acho que após a pesquisa que a gente já fez. A gente já teve a resposta que sim ,que os saberes antropológicos é muito importante e agora como um podcast eu creio, assim, que **isso vai ajudar as pessoas**, sabe? De alguma forma, elas

vão poder coletar alguma coisa pra elas, do que a gente tentou passar.
(Trecho de entrevista com Rayssa Parros, grifos meus)

Dessa forma, o podcast pode funcionar como uma ferramenta política. Uma ferramenta que pode ajudar na construção dessa realidade. Com a disseminação desses “sussurros ao pé do ouvido”, é possível encontrar mais pessoas para se aliar. Formar alianças e rede com outras pessoas que tenham o mesmo objetivo de cuidar dessas jovens, que queiram ouvir e conversar sobre menstruação. Essas ideias estão presentes nas falas de Clarissa e Daniela, que exponho abaixo:

Talvez o podcast seja uma ferramenta tipo um martelo mesmo, sabe? Um serrote, sabe? Como muitas outras, né? **Pra gente ajudar a gente a construir o que a gente quer.** E criar redes também, né? Que as redes são muito importantes, né? De ajuda mútua, né? (Trecho de entrevista com Clarissa Reche, grifos meus)

Então tem uma intimidade que eu acho que é interessante politicamente porque são **esses sussurros que a gente vai conseguindo fazer passar, né?** Para quem tiver, claro, aberto e aberta pra ouvir. Então eu acredito muito nessa **potência política da escuta através do podcast e da construção de alianças, né, de percepções coletivas.** (Trecho de entrevista com a Daniela Manica, grifos meus)

Quis ressaltar, com este capítulo, a importância dessa série para adolescentes, que estão começando a menstruar. Com todos os relatos que ouvimos na série, é notória a importância de se disseminar conhecimentos antropológicos sobre menstruação para essas jovens. É significativo, também, que outras adolescentes tenham participado da produção da série, que tenham levado este debate para suas escolas e ainda se iniciado cientificamente com tudo isso. O som é algo muito potente, escutar pessoas, principalmente jovens mulheres, falando sobre menstruação, é muito comovente. Todos os sentimentos presentes na série, transparecem nas vozes das interlocutoras e apresentadoras e reverbera para quem está ouvindo.

CAPÍTULO 4

Cuidando

4.1 A pesquisa

Rosiane: Eu lembro de mulheres que receberam gritos... Eu lembro de um médico homem que fazia toques horrorosos... Eu já presenciei mulheres sendo muito violentas com outras mulheres. Muito violentas na fala, no traquejo... Eu já vi médicas, mulheres gritando, muito forte com outras mulheres e me doeu muito, foi muito triste... Então, ali eu também presenciei muita coisa assim, principalmente, em termos de privacidade zero com as mulheres assim, sabe? De cuidado com a privacidade delas, zero, sabe? E de um certo desdém, sabe?... Eu lembro de sair chorando de alguns atendimentos, eu lembro de não conseguir terminar alguns partos. Eu lembro de perceber que tinha uma hora que, “Agora, eu preciso sair desse parto porque eu preciso respirar. Eu quero muito tá aqui, ser apoio pra essa mulher, mas eu não tô dando conta. Nem eu tô dando conta. Eu preciso sair, eu preciso respirar pra voltar, pra poder ser apoio pra ela”...

O trecho acima é do roteiro transcrito do episódio 24, da quarta temporada do *Mundaréu*, “O parto como travessia”³⁰. A marcação em amarelo significa que há algum elemento de sonoplastia por trás das falas, nesse caso uma música triste, intensificando o sentimento na fala de Rosiane. Rosiane é doula, presidente da ADOAL, Associação de Doulas de Alagoas, e uma das interlocutoras do projeto de pesquisa “Desafios e estratégias para educação permanente na saúde materno-infantil em Alagoas”. A antropóloga e professora, Débora Allebrandt, é uma das coordenadoras deste projeto que está sendo desenvolvido na UFAL em parceria com a REMA, Rede Transnacional de pesquisas sobre Maternidades destituídas, violadas e violentadas³¹ e com financiamento do Programa de Pesquisa do SUS, PPSUS. Coordenam, também, o projeto Telma Low, psicóloga e professora da UFAL e Nádia Meinerz, antropóloga e professora da UFAL. A quarta temporada do *Mundaréu* apresentou pesquisas feitas sobre ciência e tecnologia a partir de Antropologias feministas e esse diálogo entre Débora e Rosiane foi um dos episódios. Nele, Débora e Rosiane refletem sobre o cenário de parto no estado de Alagoas, particularmente em Maceió.

³⁰ Ouça em: <<https://mundareu.labjor.unicamp.br/o-parto-como-travessia/>>. Acesso em: 17 ago, 2024.

³¹ Conheça mais em: <<https://rema.uff.br/>>. Acesso em: 17 ago, 2024.

Em agosto de 2023 pude conversar, presencialmente, com a Débora sobre essa pesquisa, já que ela estava em Brasília durante sua licença capacitação. Em outubro, fui a Maceió um pouco antes da X Esocite, para conversar com parte da sua equipe. Lá conversei com Telma Low, e ainda com duas bolsistas de PIBIC, que na época eram graduandas em Ciências Sociais, Vivyan Amorim e Yrla Silva. Em novembro do mesmo ano, encontrei com Nádia Meinerz e conversamos de modo *online*, pela plataforma *Microsoft Teams*. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas por mim com a ajuda dos *softwares* de transcrição, *Transcriptor* e *Pinpoint*. Durante este capítulo, além do podcast da UFAL, vou usar, de modo complementar, dois episódios das últimas temporadas do Mundaréu, os quais têm participação de pessoas da equipe.

“Violência obstétrica é toda e qualquer prática “desatualizada”, isto é, não respaldada pela medicina baseada em evidências, que não respeita o protagonismo da mulher” (Tempesta, 2018, p. 30). O cenário de parto hospitalar alagoano é muito marcado por essa violência. Débora relata sobre como foi desrespeitada e perseguida, no parto de sua primeira filha, em seu artigo “Planejando rotas de fuga: uma autoetnografia dos desafios da humanização do parto no ambiente hospitalar em Maceió-AL” (Allebrandt, 2023). Ela se preparou muito para o parto, “se armou” justamente por ouvir as histórias horríveis de partos de outras amigas e colegas na cidade. Fez um plano de parto, participava de rodas de conversa e exercícios, buscou os melhores profissionais e mesmo assim ainda foi violentada no parto que aconteceu em 2019. Ela comentou como isso foi frustrante e como se reflete na pesquisa:

E mesmo tendo sido informada de todas essas coisas e sabendo de todo esse cenário, eu ainda vivi uma situação de violência obstétrica. Aí que deixa a gente um pouco desolado, né? Tipo **o que que é preciso então, né? Pra você conseguir um atendimento humanizado, né?** E essa é uma pergunta que a gente leva pro projeto, pra entender esse cenário. (Trecho de entrevista, realizada por mim, com Débora Allebrandt, grifos meus)

A ideia da pesquisa surgiu em 2019, quando aconteceu uma audiência pública com a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), sobre violência obstétrica, em Maceió. A audiência aconteceu no dia 29 de maio de 2019, Débora estava de licença maternidade, ela e Nádia

estavam presentes como pesquisadoras, pelo Mandacaru³² (Allebrandt, 2023). Telma comenta, no trecho abaixo, como essa audiência às impulsionou :

Telma: A gente se integrou para de fato realizar essa pesquisa depois de uma audiência pública na OAB sobre violência obstétrica aqui. E essa audiência foi, assim, um arraso, porque deixou a gente impressionada, porque eram muitas mulheres no mesmo espaço, denunciando várias violações. Então, foi muito triste aquele momento, mas também impulsionou a gente se juntar. (Trecho do roteiro transcrito do episódio 26 do podcast Mundaréu)

O objetivo da pesquisa de Débora é criar novas estratégias para atualizar a educação permanente dos profissionais que atendem na saúde materno-infantil, para que tenham uma prática humanizada e interprofissional. Então, desenharam várias atividades e produtos para o projeto como, por exemplo, um banco de dados virtual com evidências científicas e um *workshop* sobre educação permanente em saúde materno-infantil. E o principal produto é a produção de um podcast como uma ferramenta educacional.

O programa, até o momento em que escrevo este trabalho, está sendo chamado de Cuidando. Diferentemente dos outros dois que apresentei nos capítulos anteriores, este não faz parte do Mundaréu e sua produção ainda está em estágios iniciais. Será uma das duas séries do podcast que a REMA está desenvolvendo. Débora, Telma, Vivyan e Yrla integram a REMA, junto com dezenas de outras pesquisadoras e universidades.

A pesquisa é interdisciplinar, conta com integrantes da Antropologia, psicologia, enfermagem, fisioterapia e medicina. Além de professoras e estudantes de graduação participantes do PIBIC, também contaram com pesquisadoras voluntárias que ajudaram na realização de entrevistas e no mapeamento de profissionais, muitas trabalhavam em hospitais, o que facilitou esse mapeamento. A metodologia da pesquisa é dividida em quatro etapas. A primeira foi de um diálogo com os profissionais de saúde, para saber como estão atuando nesta área do parto e nascimento. A segunda foi o levantamento de documentos que abordam a saúde materno-infantil no país e, em especial, no estado de Alagoas. A terceira etapa está sendo a produção do podcast, e aqui contam com a ajuda de Irene do Planalto, cientista social que também participou da série Ciências do Zika, como consultora da série, e integra a

³² Mandacaru é um núcleo de pesquisa em gênero, saúde e direitos humanos do Instituto de Ciências Sociais da UFAL. Débora e Nádia coordenam o núcleo. Veja mais em: <<https://ics.ufal.br/pt-br/pesquisa/grupos-nucleos/mandacaru-nucleo-de-pesquisa-em-genero-saude-e-direitos-humanos>>. Acesso em: 17 ago, 2024

equipe do Mundaréu. E a quarta e última etapa será o uso e a avaliação do podcast como ferramenta de educação permanente.

Durante esse capítulo, vou trazer citações tanto do roteiro do episódio piloto do Cuidando, como de dois episódios do Mundaréu. Os episódios 24 e 26, da quarta e quinta temporada, respectivamente. No 24 Débora é convidada juntamente com uma de suas interlocutoras, como dito acima. O episódio 26 foi a gravação do fórum, “Perspectivas feministas sobre ciência e tecnologia: experiências de troca e mobilização a partir da Antropologia”³³, acontecido na Esocite, proposto pelo Mundaréu. No fórum, Débora e Telma estavam presentes falando sobre a pesquisa, Nádia também participou, mas falando sobre outro projeto.

4.2 A produção do podcast

A educação permanente em saúde é uma política pública do SUS, que consiste na aprendizagem cotidiana das profissionais, para que tenham práticas atualizadas, baseadas em evidências científicas e uma atuação crítica e reflexiva (Ceccim, 2005). Já existem estratégias eficazes como jogos e dinâmicas de resolução de problemas, mas essas estratégias precisam de uma participação presencial e síncrona. Com a rotina corrida de trabalho em hospitais e clínicas, as profissionais de saúde nem sempre têm tempo para se capacitar, para se atualizar com informações importantes para a sua prática.

Então, a escolha por desenvolver uma série com episódios curtos foi pensada justamente para se encaixar com mais facilidade nessas rotinas e poder ser escutado entre atividades, durante o deslocamento pela cidade etc. Essa ideia está presente desde o início da pesquisa de Débora e suas colegas. Além disso, esta é uma mídia que demanda menos recursos para ser produzida, o que foi uma opção mais acessível para realidade do projeto, como Débora explica nos trechos abaixo:

Como a gente está numa universidade do nordeste, na qual a gente precisa estar muito atento a recursos e formas acessíveis de produzir materiais, e pensando também na nossa capacidade de absorver novas técnicas e nos capacitar profissionalmente, a gente viu os podcasts como um material que seria muito acessível pra os profissionais de saúde. Poderiam ouvir na sua rotina de trabalho, né? Que pode ser um material usado em sala de aula, que é muito pequeno, que você pode baixar e ouvir depois, né? Porque qualquer coisa que envolva um grande acesso à internet ou um grande trabalho de edição, com

³³ Ouça em: <<https://mundareu.labjor.unicamp.br/26-2/>>. Acesso em: 17 ago, 2024.

equipamentos mais sofisticados, a necessidade, por exemplo, de você ter um estúdio muito completo pra gravar. Eram coisas que a gente sabia que a gente não tinha condições de produzir naquele momento ou de ter acesso naquele momento. (Trecho de entrevista, realizada por mim, com Débora Allebrandt)

E a gente se encantou muito com essa possibilidade do podcast. Por ele ser essa pequena pílula, né? Que o profissional de saúde numa rotina de múltiplos trabalhos, múltiplos serviços, muitas vezes em realidades muito diferentes, mas que precisa se atualizar, precisa estar a par. De repente, ele acabou de entrar no campo da saúde materno infantil, nunca trabalhou ali, né? E só lendo e esperar que esse profissional vá atrás das diretrizes e da legislação vigente, pra guiar as suas práticas, é um pouco irreal, né? (Trecho de entrevista, realizada por mim, com Débora Allebrandt)

A pesquisa demorou para ter algum financiamento, o que foi um desafio que Telma Low comentou: “A impressão que dá é que os feminismos não são temas que atraem recursos de investimentos, né? Isso é muito frustrante” (Trecho de entrevista, realizada por mim, 2023). Débora também comentou sobre isso no fórum da Esocite:

Débora: (...) Mas uma proposta pra falar de saúde da mulher vinda de antropólogas pra falar de direitos sexuais reprodutivos, construída numa parceria entre antropólogas e psicólogas. Não é uma pesquisa que vai receber financiamento de graça, assim... a gente batalhou muito e a gente não conseguiu, apesar da gente sempre ser muito bem avaliada, né? A perspectiva que a gente traz no projeto desse... desse feminismo, da interseccionalidade, dessa construção, de um produto para educação permanente. É algo que estranha muito os nossos avaliadores. (Trecho do roteiro transcrito do episódio 26 do podcast Mundaréu)

Mas, depois de três tentativas, conseguiram financiamento do PPSUS. E Débora conseguiu uma licença capacitação, o que possibilitou algumas visitas à UnB, em 2023, para trabalhar na série. Ela decidiu passar algum tempo conosco no DAN porque aqui contava com o apoio da equipe do Mundaréu, para dar suporte técnico à série.

Em março de 2023, tivemos uma oficina oferecida pelo Mundaréu, ministrada pela Irene do Planalto, onde aprendemos a usar o *Audacity*, uma ferramenta de edição de áudio, e aprendemos sobre estruturas de roteiro, na qual Débora participou. Em junho, ela veio novamente e fizemos uma reunião com a equipe do Mundaréu e as integrantes do Ciências do Zika. Nessa época, a equipe da UFAL ainda não tinha definido o formato do podcast, então, entender como foi a construção da série Ciências do Zika foi importante para a construção do

Cuidando. Nessa mesma reunião, Débora compartilhou algumas entrevistas da pesquisa, para que pudéssemos ouvir e encontrar histórias interessantes, que poderiam entrar no podcast.

Para a sistematização dos dados, usaram a plataforma *NVivo*, que é um software, pago, de análise de informação qualitativa. Com a ajuda dele, puderam catalogar e separar os trechos de entrevistas de acordo com os temas. Isso facilitou a escolha de histórias para a série, além de ajudar na análise de dados para a pesquisa.

Como o caso do Ciências do Zika, elas também já tinham entrevistas gravadas, mas não tinham pactuado a publicação, em áudio, dessas entrevistas. Com essa barreira e também por ser um tema que trata de violência, com histórias que poderiam ser reconhecidas, optaram por não usar esses áudios originais. Inicialmente, pensaram em encenar essas histórias, através de atores, mas queriam colocar mais pessoas que participaram da pesquisa para participar da série. Decidiram, então, que as histórias serão contadas pelas pesquisadoras, que fizeram e fazem parte da pesquisa, na forma de paráfrases e recontação.

Débora: Então, quando a gente começou a construir os roteiros, a gente pensou em encenar, em... trazer atores, né? Para fazer um pouco a parte das entrevistas e a gente acabou construindo uma solução que parece ser muito interessante, que é de trazer as pesquisadoras que fizeram as entrevistas para contar o que elas aprenderam nessas entrevistas, que é um pouco que a gente faz nos textos, né? Então, ao mesmo tempo que a gente se desloca, se afasta dessa textualidade, né? Tem coisas que a gente aprende muito com ela e traz de volta para os podcasts e acho que o mesmo movimento acontece também quando a gente está escrevendo sobre, né? (Trecho do roteiro transcrito episódio 26 do podcast Mundaréu)

Na sua terceira visita, no mês de agosto do mesmo ano, eu, Irene e Soraya nos reunimos com Débora e ajudamos a desenvolver uma estrutura para os episódios. Cada episódio será dividido em quatro blocos. O primeiro terá a apresentação e contextualização do tema do episódio, apresentado por uma âncora. O segundo bloco é a contação de uma história que ouviram nas entrevistas da pesquisa. Em seguida, haverá uma reflexão sobre a história e apontamentos feitos por alguma profissional, especialista no tema. E, por fim, o quarto bloco contará com a conclusão da discussão e sugestões de materiais que complementam o podcast. Esta estrutura está sintetizada na tabela abaixo:

	Vinheta - <u>Música</u> (30 segundos)
Bloco 1	Apresentação e breve contextualização do tema e como é tratado no serviço de saúde - <u>Âncora</u> (5 minutos)
Bloco 2	Narração de uma ou duas histórias - <u>Contadora</u> (8 minutos)
Bloco 3	Reflexão sobre a história e o contexto de aplicação no hospital - <u>Especialista</u> (8 minutos)
Bloco 4	Conclusão do tema e sugestão de materiais - <u>Âncora</u> (4 minutos)

Débora me convidou para ajudar na produção da série, juntamente com a Irene. Com essa estrutura em mente e com algumas histórias já selecionadas, eu e Irene ajudamos a montar a história do episódio piloto, sobre o tema da perda gestacional. Pegamos a transcrição de uma das entrevistas feitas na pesquisa, selecionamos histórias e contamos em nossas palavras. Débora escreveu a abertura e o encerramento do episódio. Com o roteiro pronto, foram feitas as gravações e Irene editou para que pudéssemos fazer uma audição coletiva, aproveitando a presença de Débora na UnB no mês de outubro. Nessa audição estavam presentes eu, Irene, Débora, Soraya e Mariana Petruceli, uma das produtoras do Ciências do Zika. Foram feitos alguns apontamentos de como a série poderia melhorar, tanto em efeitos sonoros como em conteúdo.

No episódio, a história escolhida foi de uma doula do SUS, quem narrou foi uma ex-participante de iniciação científica do projeto em psicologia, Beatriz Rocha. Débora que foi a âncora desse episódio e a especialista convidada foi Paula Viana, enfermeira obstétrica, arteterapeuta e uma das coordenadoras da ONG Curumim³⁴. O episódio aborda um caso de perda gestacional. A doula é chamada de Liana e a parturiente, a quem se refere a história, é chamada de Clara. São nomes fictícios que ajudam a ilustrar o caso, mantendo o anonimato das interlocutoras.

As ouvintes são convidadas a refletir sobre as situações de perda gestacional e os desafios enfrentados por mulheres que procuram ajuda nos serviços de saúde. Antes de iniciar a história, o trabalho da doula é apresentado. As doulas são figuras importantes para o

³⁴ Conheça mais em: < <https://www.instagram.com/grupocurumim/> >

atendimento humanizado ao parto (Tempesta, 2018. p.3), estão ali para apoiar a parturiente e garantir o alívio de suas dores. Como explica a pesquisadora do PIBIC, Beatriz, na contação da história:

Beatriz: E, assim, gente, a Liana contou que é comum as mulheres chegarem assustadas no hospital, sem saber o que vai acontecer, e aí ela busca explicar os procedimentos do parto, e dar um suporte explicando que aquela dor que a mulher tá sentindo, apesar de ser muito incômoda, é uma dor natural, que faz parte do processo de parto [É difícil, mas é possível, ela fala]. E a Liana também falou assim, que geralmente ela e outras doulas, pra dar força pra mulher né, elas falam que logo ela vai ter seu bebê no colo, o que vai fazer tudo valer a pena, vai aliviar toda a dor e ela vai se sentir outra pessoa. (Trecho do roteiro, episódio piloto, podcast Cuidando)

Nesse trecho, é explicado como para dar mais força para as mulheres em trabalho de parto, as doulas geralmente falam que em breve ela estará com seu bebê no colo. Mas em caso de perda gestacional, não se pode falar isso. Então, a doula precisa se adaptar àquela realidade. Liana acompanhou Clara, que sofreu uma perda gestacional, com mais de 20 semanas de gravidez e precisou passar pelo trabalho de parto. Liana contou como essa situação a marcou, pois teve que repensar o que iria dizer nesse momento e oferecer apoio para que Clara conseguisse se despedir do seu bebê. Ela também contou com acompanhamento de uma psicóloga, o que é extremamente importante, como ilustrado no trecho abaixo:

Beatriz: Nessa situação, nesse acompanhamento que a Liana fez, também teve o acompanhamento de uma psicóloga, que esteve presente no processo de parto e no pós-parto [isso é muito necessário, né, gente]. A Liana precisou repensar o que dizer e como oferecer suporte emocional e físico pra Clara, pra dor que ela tava sentindo. Porque, mesmo com a criança já nascendo morta, a Clara também pode se despedir do bebê, isso é muito importante pro processo de luto... Então, após o parto, Clara pôde colocar o bebê no colo, tirar uma foto e se despedir, mesmo que de forma muito dolorosa, mas se despedir daquele bebê e viver o processo de luto. Naquele dia, a Liana ficou no hospital até mais tarde, depois do plantão, pra poder acompanhar a Clara até o final do atendimento e prestar todo o apoio possível mesmo [...] Então, essa situação de abortamento marcou muito a Liana, porque mesmo diante daquele momento tão difícil, Clara agradeceu à equipe pelo atendimento, demonstrou ter se sentindo acolhida, então a Liana disse que ela se sentiu gratificada de poder colaborar para que a história de Clara, apesar de ter vivido uma perda gestacional, pra que ela pudesse olhar pra isso, olhar pra trás e

ver que durante aquele momento da perda, do momento do trabalho de parto, ela foi acolhida, ela se sentiu acolhida. [Porque, assim, a Liana também comentou que, em outras situações, a mulher poderia ainda passar por um trabalho de parto que não fosse respeitoso e que não fosse acolhedor dentro de um ambiente hospitalar, né?] Por isso é tão importante o trabalho que ela faz, enquanto doula, e que essa história seja contada pra servir de exemplo para outros profissionais que atuam no ambiente hospitalar. (Trecho do roteiro, episódio piloto, podcast Cuidando)

A contação é em terceira pessoa. Beatriz descreve a cena, as participantes, o que cada uma falou e respondeu. Uma cena como essa nos convida a nos transportar para aquele momento, acompanhar os dilemas vividos por parturiente e doula.

Após a história contada, a âncora traz um exemplo de outra entrevista para ajudar com a reflexão. Muitas profissionais não se referem a parturiente pelo nome, isso por si só já não condiz com um atendimento humanizado. Mas algumas ainda usam jargões como “mãezinha”, o que é infantilizante e pode ser especialmente agressivo em casos de perda gestacional, como explica Débora:

Débora: Quando eu li essa entrevista eu tinha acabado de trabalhar em uma outra em que a profissional entrevistada falava sempre das parturientes como “Mãezinha”. Esse jargão que muitos profissionais utilizam pra falar com as pacientes pode ser especialmente violento em casos como o que a Liana nos contou. Eu fiquei imaginando e te convido a imaginar como vc se sentiria se você estivesse vivendo uma perda gestacional, ainda sentindo a dor das contrações ou sentindo o sangramento e alguém entrar pela porta e te chamar de mãezinha. Isso não quer dizer que essa mulher que sofre um aborto, uma perda gestacional não seja mãe. Ela também é mãe, a maternidade tem muitas faces. Ela é uma mãe enlutada e ser lembrada ou chamada de mãezinha, além da infantilização das pessoas gestantes e parturientes e também pode produzir o efeito de revitimização da pessoa que está vivendo esse luto. Por outro lado, meninas, crianças e adolescentes vítimas de violência sexual que recorrem aos serviços para realização de aborto legal também não devem ser chamadas de mãezinhas. Criança não é mãe. Então, pode ser que isso soe como um grande esforço pra as profissionais de saúde, mas faz toda a diferença para a humanização do atendimento conseguir tratar a pessoa pelo seu nome, e isso tem um impacto muito grande não só para o atendimento desses casos, como de todas as pessoas que estão sendo atendidas nos serviços. (Trecho do roteiro, episódio piloto, podcast Cuidando)

Os episódios terão em média 25 minutos e vão tratar de temas como perda gestacional, pré-natal, amamentação, aborto, entre outros. A música escolhida como tema da série foi “Meu maracatu é arma”, do coletivo cultural Rock Maracatu, com participação da percussionista Lan Lan. Até o momento só existe um episódio finalizado nesta série. Estão

trabalhando na escolha de outras histórias, para compor os próximos episódios, e escrevendo os roteiros. A expectativa é que finalizem a produção até o mês de setembro.

4.3 A educação permanente como prática feminista

O projeto foi pensado como uma forma de contribuir para os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres. Com a série, a equipe da UFAL espera ajudar a tornar as maternidades alagoanas ambientes mais seguros para as parturientes. Através da divulgação dos podcasts, com a ajuda de *hashtags*, como #mulherespodcasters e #podcastsnordestinos, é possível formar redes (Cavalcante, 2023, p. 147). Essas redes são formadas por pessoas que têm o mesmo interesse, nesse caso elas podem encontrar mais pessoas interessadas em assegurar esses direitos, que queiram somar ao debate para tornarem os ambientes, onde mulheres parem, mais seguros. Nádia falou sobre a sua expectativa por diálogos construtivos com as unidades de saúde:

Então, as minhas expectativas pra série são que a gente possa ter um diálogo mais amplo com as unidades de saúde, sejam as maternidades, sejam, as UBSs, de construção, né? Dessa escuta, de uma escuta que seja uma escuta coletiva, né? De uma escuta que possa trazer uma avaliação sobre esse trabalho especificamente, sobre essas temáticas, sobre a maneira como a gente está trazendo essas evidências científicas. Pra que a gente também tenha essa possibilidade de sair um pouco da nossa bolha. (Trecho de entrevista, realizada por mim, com Nádia Meinerz)

Além de levar o podcast para as unidades de saúde como uma ferramenta de educação permanente, esperam, também, que o podcast possa estar presente na formação inicial de profissionais de saúde. Existe a vontade de usar a série como material nos cursos das áreas de Medicina, Enfermagem, Fisioterapia e Farmácia, por exemplo, para que essa formação mais conscientizada comece desde o início. Como Telma sintetizou:

E acho que o desafio é que a gente consiga que as profissionais escutem, né? Até a gente conversou um pouco também de incluir na formação aqui dos cursos da saúde, de fazer essa articulação, porque muita gente já está saindo daqui com uma perspectiva muito violenta, né, racista. Entra e sai e permanece. Então, assim, que os **podcasts também poderiam estar sendo difundidos aqui sim, nos cursos da saúde**, de outras faculdades também, não só nos cenários dos serviços, né? (Trecho de entrevista , realizada por mim, com Telma Low, grifos meus)

E há também o interesse de levar a série para fora do ambiente acadêmico. O podcast é uma ferramenta que tem potencial para traduzir, com linguagem mais simples e direta, o conhecimento produzido dentro da universidade (Fleischer e Mota, 2021, p. 8). Através dele, é possível transmitir a educação feminista proposta por bel hooks. Um conhecimento feminista, que é importante para a vida de todo mundo, não só das mulheres, e precisa ser disseminado em massa (hooks, 2018, p.38). O áudio consegue aproximar a ouvinte das experiências de quem está falando (Ferrari et al, 2023, p. 227). A escuta é capaz de acessar sentimentos bons ou ruins, dependendo do que está sendo falado, porque a voz, os silêncios e a emoção são transmitidos e podem ser percebidos através do áudio. Yrla Silva, à época graduanda da pesquisa da UFAL, comentou como o sentimento era transmitido pelas falas das interlocutoras enquanto transcrevia as entrevistas da pesquisa:

A maioria das entrevistas que eu transcrevi foram com enfermeiras, daí é um negócio assim, que **você tá lá escutando, transcrevendo e meio que sentindo também o que ela tá contando**. Porque a gente tem, entre as perguntas no roteiro, a gente tem uma pergunta "conte um caso marcante desde do seu início da sua jornada enquanto profissional da saúde". Daí elas contam, assim, uns casos muito horripilantes, daí gente meio que naquele momento, de estar escutando a entrevista e transcrevendo, a gente meio que vai sentindo também o que ela tá contando e vendo as ações delas, né, enquanto contam. (Trecho de entrevista com Yrla Silva, realizada por mim, grifos meus)

Com isso, a série Cuidando também objetiva chegar em pessoas fora da academia e levar o debate sobre direitos reprodutivos para lugares, como por exemplo Unidades Básicas de Saúde (UBSs) de cidades menores. Levar a série para o interior e manter um diálogo com a comunidade, construindo assim um espaço de escuta, em que as pessoas possam debater sobre o assunto da violência obstétrica. Como explicaram Nádia e Vivyan, professora e estudante, nos trechos abaixo:

Eu acho que levar é o podcast para esses contextos no interior (do Alagoas), enquanto escuta coletiva, enquanto possibilidade de conversar sobre esse assunto né, de trazer um pouco a possibilidade de um fórum, né? De uma fala, de um espaço em que as experiências locais possam ser contempladas. Eu acho que é um horizonte interessante. (Trecho de entrevista, realizada por mim, com Nádia Meinerz)

É um jeito [o podcast] também de acessar outras pessoas, né? Porque,

geralmente, as produções que são feitas na universidade, ficam só na universidade. Você apresenta no final do ciclo seu relatório e é isso. Então, é uma forma de, meio que, você **devolver o que você estudou para outras pessoas acessarem, não necessariamente só as pessoas da universidade.** (Trecho de entrevista, realizada por mim, com Vivyan Amorim, grifos meus)

Com a série, o áudio vai conseguir passar os sentimentos presentes nas histórias escolhidas. Através da voz das pesquisadoras, no tom das histórias e com ajuda de elementos sonoros adicionados à edição, será possível transmitir os sentimentos presentes nos momentos de parir, de cuidar. Com isso, se espera que as ouvintes se conectem com os episódios, podendo assim refletir sobre eles e se somar ao debate. E Cuidando conecta educação continuada e feminismo porque acreditam que pensar os cuidados a partir de uma perspectiva feminista garante a segurança das mulheres que estão parindo. Vivyan contou um pouco sobre o contato que teve com uma doula feminista durante a pesquisa:

A entrevista que eu fiz sozinha do projeto, eu fiz com uma doula que ela também se considera feminista. Então, foi muito interessante as respostas que ela tinha em relação ao roteiro, das outras entrevistas que a gente fez. Então, se posicionava muito mais, ela criticava, né, sobre algumas condutas que aconteciam no hospital em relação à violência e assistência. Foi muito interessante essa entrevista. (Trecho de entrevista, realizada por mim, com Vivyan Amorim)

Pretende-se, com a série, que outras profissionais da saúde também possam olhar mais criticamente para as práticas e condutas adotadas nos hospitais. O objetivo da pesquisa e da série de podcast é levar, através da educação continuada, o cuidado visto de uma perspectiva interprofissional e feminista, com a visão de antropólogas, psicólogas e outras profissionais da saúde. Querem, através dessa prática política de troca de vivências e experiências (Sardenberg, 2002, p. 18), nesse caso, vividas em maternidades alagoanas, convidar mais pessoas a se somar ao cuidado com as mulheres que estão parindo.

Considerações finais

O podcast é uma mídia com infinitas possibilidades, que traz maneiras inovadoras de organizar e distribuir conteúdos, incluindo pessoas ao invés de excluí-las (Flexor e Pinheiro, 2023). São importantes os incentivos que a mídia vem ganhando, principalmente em produções acadêmicas, para que o conhecimento não fique limitado ao texto escrito. É uma mídia que se encaixa, mais facilmente, em rotinas corridas. E acredito que seja um espaço que ainda pode ser ocupado por muitas pessoas mais.

As três séries têm formatos diferentes, mas partem do mesmo propósito de divulgar pesquisas feitas em Antropologia, através de uma perspectiva feminista. A divulgação científica é essencial para a manutenção de instituições ligadas à ciência (Valle e Andrade, 2022, p. 231), através dos podcasts é possível fazer uma divulgação ainda mais democrática. Durante as entrevistas, foi comentado, nas três equipes, sobre optarem pelo podcast por ser uma mídia mais acessível, tanto de produzir, como de consumir. É também uma forma de dar retorno às interlocutoras, além de poder funcionar como material didático e de pesquisa. Isso é exemplificado pelas três séries.

Ciências do Zika foi uma maneira de divulgar uma pesquisa que está sendo construída desde de 2016. Aproveitaram dados já existentes e construíram um material inovador para essa pesquisa. E a série ainda ajudou na formação de algumas das pesquisadoras, pois durante a produção ainda estavam construindo seus projetos. Além disso, a série serviu como retorno de pesquisa para as interlocutoras, tanto para as cientistas quanto para as mães de micro. Mariana comentou isso como positivo: “Agora o projeto tá com cientistas, mas isso do que tá rolando com os cientistas, a gente quer que elas saibam também.” A série é uma maneira de mostrar para essas mães para onde a pesquisa está seguindo.

De Lua em Lua é produto de uma pesquisa feita por estudantes do ensino médio, proporcionando um encontro intergeracional entre as adolescentes e as monitoras da pesquisa. Com o podcast viram um jeito de acessar mais facilmente as escolas, foi uma ferramenta que possibilitou que os conhecimentos produzidos na pesquisa, alcançassem outras adolescentes mais facilmente. Além disso, como pontuado por Daniela Manica, na fala que inspirou o título desse trabalho: “eu acredito muito nessa potência política da escuta através do podcast e da construção de alianças”. O podcast pode ser uma forma de unir pessoas que compartilham das mesmas lutas, formando redes e alianças. E, no caso do De Lua em Lua, pode contribuir para que as adolescentes menstruem de uma maneira mais

digna.

Cuidando partiu de uma pesquisa interdisciplinar, onde a Antropologia conversa com as ciências da saúde, com o objetivo de trazer impactos positivos nos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres. A equipe da UFAL se encantou com as possibilidades do podcast, pela simplicidade na produção e por se encaixar mais facilmente na rotina. Por essa facilidade, é a ferramenta ideal para ser implementada na correria dos hospitais. Encontraram na mídia uma boa maneira de tratar de um tema tão sensível quanto violência obstétrica. O podcast é uma mídia mais íntima e possui auxílios sonoros que contribuem para o tom das histórias que querem contar.

As três equipes encontraram no podcast um leque de possibilidades de produção, tanto em formato, cada série adotou um diferente, como no uso da ferramenta. Apesar de todas serem séries de divulgação científica, foram feitas e estão sendo feitas, no caso de Cuidando, com propostas e públicos bastante distintos. Ciências do Zika almejou um público universitário, principalmente das Ciências Sociais. Já De Lua em Lua, buscou escolas de ensino básico e médio, querendo alcançar adolescentes. E Cuidando está sendo produzida pensando em profissionais da saúde já formados, que já estão trabalhando nos hospitais.

E eu também encontrei nos podcasts uma maneira de produzir ciência na graduação e ainda unir mais de um interesse. Pude mergulhar nesses três podcasts, aprendendo sobre três tópicos diferentes, Zika vírus, menstruação e violência obstétrica. Usando a metodologia proposta por Lundström e Lundström (2020) pude explorar, engajar e examinar essas séries e escrever essa monografia. Além de poder ter contato com as minhas interlocutoras e entender como se deu a produção das séries e poder observar as redes que foram formadas através desses trabalhos. Estar em contato com essas mulheres e poder saber mais sobre suas pesquisas, ajudou muito na minha formação como pesquisadora. Pude me conectar ainda mais com a luta feministas, através das trocas que fizemos.

O trabalho dessas três equipes é muito importante para amplificação de suas vozes e criação de memória (Hack, 2024, p.6). O podcast é um arquivo digital, que irá preservar as vozes dessas produtoras e permitir que esses conhecimentos passem para muitas pessoas mais. Podendo assim, formar alianças importantes para as mudanças sociais que desejam promover (Lopes, 2003, p. 159).

Os podcasts ajudam a contar histórias e levá-las para vários lugares. A possibilidade de gravar e ouvir em diferentes lugares do mundo reduz as limitações físicas dos corpos (Coacci, 2023). Com isso, o podcast é uma mídia que tem pode contribuir muito para a ciência e aos feminismos, alcançando lugares que não conseguimos fisicamente ou através de

textos. É possível formar redes, como a Kere-kere, que une antropólogas dispostas a trocar conhecimentos ou a *hashtag* #mulherespodcasters, que une produtoras que buscam ocupar esta mídia. É uma maneira de tornar a ciência mais democrática e de trazer mais pessoas para debates políticos.

REFERÊNCIAS

#1 Criança não é adulto pequeno. [Locução de]: Irene do Planalto e Thais Valim. Mundaréu, 29 mai. 2023. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/1-crianca-nao-e-adulto-pequeno/>. Acesso em: 31 ago. 2024.

#2 Cuidado é substantivo feminino. [Locução de]: Irene do Planalto e Caroline Franklin. Mundaréu, 5 jun. 2023. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/2-cuidado-e-substantivo-feminino/>. Acesso em: 31 ago. 2024.

#6 O que seria uma ciência responsável? [Locução de]: Irene do Planalto e Mariana Petruceli. Mundaréu, 3 jul. 2023. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/6-o-que-seria-uma-ciencia-responsavel/>. Acesso em: 31 ago. 2024.

#7 Quando uma epidemia e uma pandemia se encontram. [Locução de]: Irene do Planalto e Ana Paula Jacob. Mundaréu, 10 jul. 2023. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/7-quando-uma-epidemia-e-uma-pandemia-se-encontram/>. Acesso em: 31 ago. 2024.

#22 Nos Rastros das mulheres na Antropologia Visual. [Locução de]: Daniela Manica e Soraya Fleischer. Mundaréu, 5 set. 2023. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/22-nos-rastros-das-mulheres-na-antropologia-visual/>. Acesso em: 31 ago. 2024.

#23 Infâncias e hospitais. [Locução de]: Daniela Manica e Soraya Fleischer. Mundaréu, 3 out. 2023. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/23-infancias-e-hospitais/>. Acesso em: 31 ago. 2024.

#24 O parto como travessia. [Locução de]: Daniela Manica e Soraya Fleischer. Mundaréu, 7 nov. 2023. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/o-parto-como-travessia/>. Acesso em: 31 ago. 2024.

#26 Perspectivas feministas sobre ciência e tecnologia [Locução de]: Daniela Manica e Soraya Fleischer. Mundaréu, 6 ago. 2024. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/26-2/>. Acesso em: 31 ago. 2024.

ABPOD. PodPesquisa 2020-2021. Disponível em: https://abpod.org/wp-content/uploads/2021/10/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultado-ATUALIZADO.pdf. Acesso em: 10 out. 2023.

ALLEBRANDT, Debora. “Planejando rotas de fuga: Uma autoetnografia dos desafios da humanização do parto no ambiente hospitalar em Maceió”. *Interseções* 24, pp. 420-445, 2023.

AMARANTE, Maria Inês, Rádio comunitária em Timor-Leste: os meios de comunicação em novos tempos de cidadania, *Contracampo*, p. 165-181, 2006.

AZEVEDO, Dayanne Barbosa de. A dignidade menstrual como componente do direito fundamental de proteção à saúde das mulheres em situação de vulnerabilidade. Trabalho de Conclusão de Curso [Bacharelado em Direito]. Vitória: Faculdade de Direito de Vitória, 2021.

BERRY, Richard, Will the iPod Kill the Radio Star? Profiling Podcasting as Radio, *Londres, Thousand Oaks & New Delhi 1354-8565 Vol 12(2)*: 143–162, 2006.

BONINI, T. The ‘second age’ of podcasting: reframing podcasting as a new digital mass medium. *Quaderns del CAC*, 41, vol. XVIII, p. 21-30, jul. 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 1.813, de 11 de novembro de 2015. Declara Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) por alteração do padrão de ocorrência de microcefalias no Brasil. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2015.

CAMPOS, Valéria; MATUDA, Fernanda, Uso de Podcasts como potencializador do desenvolvimento de gêneros orais em aulas de língua portuguesa do ensino médio, *Revista: EaD & Tecnologias Digitais na Educação*, Dourados, MS, 2019 – nº 9, Vol. 7.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista de antropologia*, p. 13-37, 1996.

CARVALHO, Ana Amélia Amorim. Podcasts no ensino: contributos para uma taxonomia. *Revista Ozarfaxinars no 8*, Centro de Formação de Associação das Escolas de Matosinhos. Matosinhos, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/9432>.

CAVALCANTE, Aldenora Teófilo. “A humanização de mulheres negras na podosfera brasileira”. Capítulo do livro *Feminismos e Podcasts*. HACK, Aline (Org.). Blimunda, 2023.

CECCIM Ricardo Burg. Educação permanente em saúde: descentralização e disseminação de capacidade pedagógica na saúde, *Ciência & saúde coletiva*, v. 10, n. 4, p. 975-986, 2005.

Ciclo 1: Os Vazamentos. [Locução de]: Luna Beatriz, Rayssa Parros e Thais Bezerra. Mundaréu, 22 mai. 2024. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/ciclo-1-os-vazamentos/>. Acesso em: 31 ago. 2024.

Ciclo 2: As Manchas. [Locução de]: Luna Beatriz, Rayssa Parros e Thais Bezerra. Mundaréu, 23 mai. 2024. Disponível em: <https://mundareu.lbjor.unicamp.br/ciclo-2-as-manchas/>. Acesso em: 31 ago. 2024.

Ciclo 3: As Vergonhas. [Locução de]: Luna Beatriz, Rayssa Parros e Thais Bezerra. Mundaréu, 24 mai. 2024. Disponível em: <https://mundareu.lbjor.unicamp.br/ciclo-3-as-vergonhas/>. Acesso em: 31 ago. 2024.

Ciclo 4: Os Nojos. [Locução de]: Luna Beatriz, Rayssa Parros e Thais Bezerra. Mundaréu, 25 mai. 2024. Disponível em: <https://mundareu.lbjor.unicamp.br/ciclo-4-os-nojos/>. Acesso em: 31 ago. 2024.

Ciclo 5: As Dores. [Locução de]: Luna Beatriz, Rayssa Parros e Thais Bezerra. Mundaréu, 26 mai. 2024. Disponível em: <https://mundareu.lbjor.unicamp.br/ciclo-5-as-dores/>. Acesso em: 31 ago. 2024.

Ciclo 6: Os Desconfortos. [Locução de]: Luna Beatriz, Rayssa Parros e Thais Bezerra. Mundaréu, 27 mai. 2024. Disponível em: <https://mundareu.lbjor.unicamp.br/ciclo-6-os-desconfortos/>. Acesso em: 31 ago. 2024.

Ciclo 7: Os Renascimentos. [Locução de]: Luna Beatriz, Rayssa Parros e Thais Bezerra. Mundaréu, 28 mai. 2024. Disponível em: <https://mundareu.lbjor.unicamp.br/ciclo-7-os-renascimentos/>. Acesso em: 31 ago. 2024.

COACCI, Thiago. De pensando o sexo a falando sobre o sexo. In: HACK, Aline, Feminismos e podcasts, 1ed, São Paulo, Blimunda, 2023. p. 187-200.

CONTREIRAS, Melissa. “Tá vendo o que eu tô falando? Reflexões sobre a escuta ativa e as performances da voz no contexto educacional durante a pandemia da Covid-19”. Caos, Revista Eletrônica de Ciências Sociais, 1(28), pp. 163-181, 2022.

COSTA, Cláudia, COELHO Eliana da Silva. Ativismo Digital Feminista e Interseccionalidade. In: HACK, Aline, Feminismos e podcasts, 1ed, São Paulo, Blimunda, 2023. p. 163-184.

DINIZ, Débora. Vírus Zika e Mulheres Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 32(5):e00046316, mai, 2016.

FERRARI, Anita; MANICA, Daniela; FLEISCHER, Soraya. “Sonoridades, escutas e aprendizados de Antropologia com o uso de podcasts em sala de aula”. Iluminuras 24(64), pp. 220-240, 2023.

FLEISCHER, Soraya. “O podcast como um local para fazer ouvir sua voz“. In:HACK, Aline, Feminismos e podcasts, 1ed, São Paulo, Blimunda, 2023. p 13-16

FLEISCHER, Soraya; MANICA, Daniela Tonelli. “Ativando a escuta em tempos pandêmicos“. In: Miriam Pillar Grossi; Rodrigo Toniol. (Orgs.). Cientistas sociais e o Coronavírus. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020, pp. 47-51.

FLEISCHER, Soraya; MOTA, Julia Couto, Mundaréu: Um podcast de Antropologia como ferramenta polivalente, GIS- Gesto, imagem e som- Revista de Antropologia, v. 6, n.1, pp. 1-21, 2021.

FLEISCHER, Soraya; NORONHA, Ana Luiza, Podcast, Educação e Antropologia: Uma revisão bibliográfica, Revista Café com Sociologia, v.11, pp.1-16, 2022.

FLEXOR, Carina; PINHEIRO, Elton Bruno, Contribuições da rede UnBcast de podcasts universitários à extensão, à comunicação pública e à inovação, Revista Participação, Ed. 39, pp. 45- 61, 2023.

FRANÇA, Bianca Zacarias. “Corpo aberto: Notas sobre o encontro entre gênero, discurso religioso e científico em um terreiro de umbanda esotérica em Belo Horizonte”. Farol 9(24), pp. 204-231, 2022.

FREIRE, Eugênio Paccelli, O podcast como ferramenta de educação inclusiva para deficientes visuais e auditivos, Rev. Educ. Espec., Santa Maria, v. 24, n. 40, pp. 195-206, maio/ago. 2011.

GLOBO: “Podcasts e a crescente presença entre os brasileiros”:17 de julho de 2021

Disponível em:

<https://gente.globo.com/pesquisa-infografico-podcasts-e-a-crescente-presenca-entre-os-brasileiros/>. Acesso em 5 de set. 2023.

HACK, Aline, Feminismos e podcasts, 1ed, São Paulo, Blimunda, 2023.

HACK. Aline, Mulheres podcasters: entre narrativas feministas e comunidades virtuais. Interfaces da Comunicação, v. 1, n. 3, p. 47–62, 2024.

HACK, Aline; LIMA, Angelita Pereira. Influência digital ou representatividade? Uma análise feminista sobre o ingresso de mulheres na mídia Podcast. BCIJ, Novo Hamburgo, v.3, n.1, pp. 168-191, jan./jun.2023.

HACK, Aline; LIMA, Angelita. Militância Podcaster Feminista: um Exercício Etnográfico. Revista Eco-Pós, v.25, n.3, p. 340-360, 2022.

HARAWAY, Donna. “Saberes localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. Revista Pagu, 1(2), pp. 19-58, 2016.

hooks, bel. Educação feminista para uma consciência crítica. In: hooks, bel. O feminismo é para todo mundo. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018, pp. 34-39.

KNIHS, Ana Claudia. “Se você abrir o armário do meu filho, só tem remédio : Reflexões antropológicas sobre os medicamentos no cenário da síndrome congênita do Zika vírus em Recife/PE. Dissertação [Monografia de Graduação em Antropologia]. Brasília: Universidade de Brasília, 2020.

KURRLE, Arthur Ulhôa. Deslocando vozes e ouvidos: Criando e experimentando um podcast como um recurso didático. Três Pontos 18(1), p. 14-20, 2021.

LOPES, Guacira Louro. Gênero, sexualidade e educação, 6 ed, Petrópolis, Editora Vozes, 2003.

LUNDSTRÖM Markus; LUNDSTRÖM Tomas Poletti Podcast ethnography. € International Journal of Social Research Methodology 1–11, 2020.

LUSTOSA, Raquel. “Mulheres”. In: Fleischer, Soraya; Lima, Flávia (orgs). Micro: Contribuições da Antropologia. Brasília: Athalaia, 2020. p. 39-50.

MANICA et al. No ar: Antropologia histórias em podcast, Campinas, Pontes, 2022.

MARQUES, Bárbara et al. Micro-histórias para pensar macropolíticas. São Carlos: Áporo Editorial, 2021.

MONTEIRO, Thaíse Oliveira Torres. Percepções sobre identidades étnicas e raciais em charges sobre Jacob Zuma na África do Sul. Dissertação [Bacharelado em Ciências Sociais]. Brasília: Universidade de Brasília, 2020.

MUNDARÉU, #13 - O jogo do vai e vem. [Locução de]: Daniela Manica e Soraya Fleischer. [Entrevistadas]: Iranice do Nascimento e Clarice Rios. [S.I.]: Mundaréu, 15 jun. 2020. Podcast. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/13-o-jogo-do-vai-e-vem/>. Acesso em: 30/06/2021.

PETRUCELI, Mariana. As múltiplas responsabilidades de uma equipe de cientistas do Zika: Um estudo antropológico sobre a pesquisa em saúde em Recife/PE. Dissertação [Monografia de Graduação em Antropologia]. Brasília, Universidade de Brasília, 2023.

PRENSKY, Marc, Nativos digitais, Imigrantes digitais, On the Horizon, NCB University Press, Vol. 9 No. 5, Outubro 2001.

RIBAS, Pedro; NORONHA, Ana. “Podcasts em sala de aula“. Equatorial – Revista do

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 9(16), pp. 1-17, 2022.

ROHDEN, Fabíola. Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. “Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista?”. In: COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Feminismo, ciência e tecnologia Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, 2002. p. 89-120.

SANTOS et al, Podcast antropofágico: uma proposta metodológica para produções sonoras em comunicação, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, pp. 1-388–416, 2018.

SOUSA, Francisco Octávio Bittencourt. Se o grileiro vem, pedra vai: redes de solidariedade e suborno na Fazenda Bonito, território Kalunga. Dissertação [Monografia de Graduação em Antropologia]. Brasília: Universidade de Brasília, 2022.

SILVA, Roniel Sampaio; BODART, Cristiano das Neves. O uso do Podcast como recurso didático de Sociologia. Revista de Educação, Ciência e Cultura. Canoas, v. 20, n. 1. jan./jul. 2015.

TEMPESTA, Giovana Acacia. Trabalhando pelos bons vinculamentos. Reflexões antropológicas sobre o ofício das doulas. Anuário Antropológico, Brasília, v. 43, n. 1, p. 37-66, 2018.

UNFPA/UNICEF. Pobreza Menstrual no Brasil: Desigualdade e violações de direitos. 2021.

VALLE, Luciane Ribeiro; ANDRADE, Thales Haddad. A divulgação científica enquanto campo. Rev. Tecnol. Soc., Curitiba, v. 18, n. 50, p.230-242, jan./mar., 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). WHO statement on the first meeting of the International Health Regulations (2005) (IHR 2005) Emergency Committee on Zika virus and observed increase in neurological disorders and neonatal malformations. [S.l.], 2016.